

O ENSINO DE FUTEBOL PARA
CRIANÇAS:
Estudos Denotativos
de uma Proposta de Trabalho



1290002297

Monografia apresentada como exigên-
cia parcial para obtenção do títu-
lo de Especialista em Educação
Motora na Escola da Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas, sob
orientação do prof^o Dr. Pedro José
Winterstein.

DEDICATÓRIA

A minha mãe **AUGUSTA**,

"...mulher que mesmo abdicando da vida para criar a mim e meus irmãos, encontra ainda forças para quase aos 60 anos, iniciar seus estudos".

Ao meu Pai **SERAFIM**,

"...homem castigado pelas barreiras que a vida lhe impôs, porém perseverante, no sentido de conduzi-la a qualquer preço".

Aos meus irmãos: **ADYLSO**; **NEIDE**; **LENI** e o **AMYLTON**,

"...por eles representarem para mim, o ideal de pessoa que procuro ser".

A minha noiva **MIYUKI**,

"...por ter dividido comigo todas as ansiedades deste estudo, me auxiliando nas eventuais correções do texto, me motivando nos momentos de desânimo, sendo paciente...enfim, me proporcionado com seu carinho e companheirismo, todas as condições necessárias para que eu concluísse o trabalho".

Aos meus **ALUNINHOS** da Escolinha de Futebol do Clube Semanal de Cultura Artística de Campinas:

"...por ter me feito enxergar através de suas ações, a eventual necessidade de sermos crianças".

AGRADECIMENTOS

Aos mestres do curso de Especialização: *Wagner; João Freire; Beth; Jocimar; Wilma; Jorge Pérez; Silvana; Pedro; Ademir de Marco e Adilson,*

"...pelo empenho e a seriedade com o qual trataram os temas pertinentes a Educação Física".

Ao meu professor orientador *Pedro José Winterstein,*

"...por ter confiado na minha capacidade de trabalho".

Ao Profº de Educação Física: *Laércio Claro Pereira Franco(LALÁ),*

"...por ter me propiciado, com seu convite profissional, não só a continuidade do seu trabalho, mas o aprofundamento com estudos individuais, de minha prática de ensino".

Ao Clube Semanal de Cultura Artística de Campinas, nas pessoas de seus diretores: *Claudinei Cremonesi e Luciano Limoli Jr.,*

"...por terem acreditado na minha capacidade como Profº de Educação Física, na condução de uma nova proposta de trabalho".

Aos Professores de Educação Física(colegas do curso de Especialização),

"...pessoas com as quais, tive o prazer de conviver e aprender muito sobre as diversas realidades da nossa Profissão".

RESUMO

Este texto visa reunir estudos que, embasem uma proposta de trabalho de ensino de futebol para crianças na faixa de 6 a 9 anos, e paralelo a isto, considere alguns elementos formativos da criança. Para isto parte dos aspectos gerais na direção dos aspectos específicos. Inicia com um estudo a cerca da cultura futebolística do nosso País, onde num primeiro momento se faz um retrospecto histórico de sua evolução, inclusive no mundo, para depois tratá-lo sob o ponto de vista da cultura corporal e como ela se vale do futebol, para representar os anseios sociais do povo brasileiro. Trata também dos aspectos políticos, ideológicos e da influência que o poder econômico exerce sobre sua perpetuação como esporte de massa.

No segundo capítulo, o texto aborda alguns aspectos do desenvolvimento global da criança, subdividindo-os em cognitivos, psicomotores e afetivos(e sociais). Nesta premissa, considera-se que esta separação deva ocorrer, a fim de que se possa entender sua especificidade sob ponto de vista didático, reforçando porém, que o processo de desenvolvimento da criança se estrutura na totalidade e na inter-relação de todos estes aspectos.

No terceiro capítulo, o estudo retrata os elementos norteadores de uma proposta de trabalho com ensino de futebol infantil. Eles se referem aos capítulos anteriores, abordando os elementos sob o prisma da infância, da necessidade dos jogos ou brincadeiras no processo de ensino, dos aspectos de desenvolvimento da criança; canalizando tudo isto, para um processo de ensino deste esporte, que considere além do seu aprendizado, outras aquisições a serem desenvolvidas.

No quarto capítulo, o texto se refere à proposta propriamente dita, onde a mesma se estrutura num esquema de aula subdividido em quatro momentos; eles são descritos momento por momento. Na seqüência procede com um relato de experiência, onde passa-se a relatar alguns aspectos da prática, oriundos da vivência da referida proposta, por cerca de 3 anos.

Por fim o estudo procede com algumas considerações gerais a cerca da necessidade dos tecnicos se considerarem também professores, que ensinam e que tem a obrigação de contribuir para o processo de desenvolvimento da criança, neste caso, conduzir uma prática de ensino que não considere o aprendizado do esporte como um fim em si mesmo(visão perpetuadora de uma prática de ensino tecnicista e adestradora), mas também como um meio para a consecução de outras aquisições.

SUMARIO

-DEDICATÓRIA

-AGRADECIMENTOS

-RESUMO

-SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	01
I - CULTURA FUTEBOLÍSTICA.....	04
1.1- "O País do Futebol".....	12
1.1.1- Futebol um Jogo de Representações e Interesses.....	15
1.1.2- O Futebol e o Cotidiano das Crianças.....	26
II- O DESENVOLVIMENTO GLOBAL DA CRIANÇA.....	29
2.1- Aspectos Cognitivos.....	33
2.2- Aspectos Psicomotores.....	44
2.2.1- O modelo de Desenvolvimento Motor.....	55
2.2.2- Uma Educação do(e pelo) Movimento.....	63
2.2.3- Anexos I.....	66
2.3- Aspectos Afetivos(e sociais).....	68
III- ELEMENTOS NORTEADORES DA PROPOSTA.....	72
3.1- A importância dos Jogos ou Brincadeiras.....	76
3.2- Do Ensino de Futebol.....	79
IV- A PROPOSTA.....	83
4.1- Relato de Experiência.....	94
V- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	106

INTRODUÇÃO:

Este texto, como não poderia de ser, surgiu de algumas ansiedades oriundas da prática. Há cerca de 5 anos trabalhando com futebol, tanto no trabalho dirigido à competição, quanto à iniciação infantil, sempre observei que o seu trato por parte de uma boa parcela de professores que lidam com este esporte, se apresentam numa conformação influenciada e estruturada de forma romântica, mítica e extremamente hierárquica em relação à ascendência do professor(técnico) sobre o aluno. Isto pode ser melhor exemplificado, quando pensando um pouco, nos lembramos que a imagem que se tem de uma aula ou treino de futebol, quase sempre é a do professor ou treinador de pé, com um monte de garotos sentados aos seus pés, imóveis, calados, disciplinados e extremamente concentrados em tudo que aquele professor-técnico(excelência por experiência e sabedoria) possa passar, e com isto lhes proporcionar de possibilidades de ascensão a todos os seus sonhos futebolísticos e/ou ansiedades. Influências do futebol profissional? Creio que sim. Tomemos como exemplo as escolinhas de futebol, hoje uma realidade dos grandes centros. O trabalho que geralmente verificamos em escolinhas de futebol, se estrutura no referencial do Futebol de alto nível; boa parcela dos "professores", sequer tem formação acadêmica para o entendimento do que venha ser nas entrelinhas um "processo de ensino aprendizagem". Eles vêm de uma experiência como jogador(profissional ou não) ou mesmo de treinador e acreditam obter todos os elementos possíveis para se ensinar, da melhor

maneira possível, o futebol. Não questiono o conhecimento adquirido através da vivência destas pessoas(indiscutívelmente elas ensinam!), porém não me abstenho de colocar minha preocupação de ver instituído por aí, "modelos" de ensino de futebol baseado em treinos repetitivos e adestradores, que em nada se aplicam às necessidades inerentes ao desenvolvimento da criança.

Sabemos que o ensino é um processo, logo só podemos trabalhar em cima das incertezas; neste raciocínio discordo da disseminação de qualquer prática de ensino "instituída" como modelo a ser seguido, mesmo por que as pessoas são diferentes e cada interação de grupos diferentes pode provocar o inusitado.

Sendo além de professor de futebol infantil, professor da escola primária, sempre me questioneei sobre a diferenciação que há, sob ponto de vista do caráter pedagógico, de um trabalho e de outro; não são as mesmas crianças? e como professores que somos, não temos a obrigação de contribuir no seu processo formativo? Isto me levou a refletir muito sobre minha prática de ensino, principalmente por que na escola, o futebol se apresentava como principal esporte praticado, e lá se percebia como através dele, conseguíamos(eu e outro professor) conduzir um trabalho no interesse dos aspectos pedagógicos da escola.

O objetivo deste estudo é explicitar alguns determinantes teóricos, que possam influenciar na construção de uma proposta de ensino de futebol infantil, quer seja nas escolas normais, quer seja em escolinhas de futebol, que considere a aprendizagem deste esporte, não como um fim em si mesmo, mas como um meio, elemento que pode contribuir para o processo promocional da criança. Para isto, partiremos da análise desta manifestação da

nossa cultura, que é o futebol, conhecendo-o e interpretando-o a luz das influências que ele possa ter no processo de desenvolvimento da criança.

I

**Cultura
Futebolística**

Para falar de futebol, pretendo num primeiro momento, abordar um aspecto que julgo elucidador, no que se refere ao entendimento do que representa esta prática esportiva em nosso País. Quero me referir à *cultura*, não uma *cultura* apregoada pelo senso comum ou pela análise simplista e literal do termo escrito, mas sim à *cultura* como elemento constitutivo da sociedade em que vivemos, ou mesmo, como um processo pelo qual os homens orientam e dão significado às suas ações através de uma manipulação simbólica que é atributo fundamental de toda a prática humana(DURHAM, 1977).

Existem inúmeras definições ou formas de se entender *cultura*. De maneira geral a compreendemos como todas as manifestações do "humano" no homem quer seja na totalidade que inclui crenças, arte, moral, leis, costumes...etc e tudo aquilo que se tenha adquirido ou construído pelo homem em sociedade, ou mesmo, na tentativa de se compreender o comportamento humano, enquanto manifestações aprendidas e transmitidas entre os mesmos. De maneira geral podemos entender a *cultura* como todos os aspectos que norteiam o cotidiano do homem, único ser biológico detentor do "dom" evoluído da **simbolização**, ou seja, da incrível capacidade de criar imagens mentais do mundo que quizer.

O homem e a *cultura* são partes que se interdependem; alguns autores chegam a dizer que um não existiria sem o outro, por outro lado, esta justaposição dos elementos determinante e determinado na relação dinâmica homem X *cultura* caracterizou o que muitos autores compreendem como uma tendência natural no homem de entender-se incompleto e transcendente; que procura na intempere de suas relações e aspirações, completar-se,

ou mesmo, vislumbrar possibilidades, criando o novo na tentativa obstinada de (quem sabe!?!) atingir o inatingível. Não obstante, se entendermos o homem como um animal como outro qualquer, independente de sua promoção na escala evolutiva, perceberemos que o mesmo, como qualquer organismo vital, tende a aumentar seu controle sobre o meio, colocando-o a seu serviço e isto se apresenta como principal elemento dirigente e determinante de uma possível perda de identidade, pois agora não mais falaremos da *cultura* como fator de desenvolvimento e crescimento, oriundo das infindáveis possibilidades do homem humanizar-se, mas sim, da *cultura* determinada por convenções promovidas, na construção de uma linguagem cultural que contemple padrões coletivo-comportamentais em detrimento dos aspectos da expressão da individualidade; neste raciocínio faço uso das palavras de CODO & SENNE(1985:23/24):

"...diante de uma cosmologia ainda que tosca: o homem social, socializado, tecnológico, organizado, não é um homem real. A sociabilidade, a palavra, a história, são imposições ao verdadeiro homem que luta por baixo dessa carapaça para ressurgir. Há um animal dentro de mim, ávido por manifestar-se, impedido pela sociedade e civilização. O paraíso, a felicidade, consiste em romper com as amarras que o social impõe e deixar fluir "um homem livre do outro"

Ratificando, RODRIGUES(1986) nos alerta que através da incontrolável dinâmica cultural o mundo passou a depender largamente das convenções sociais de sociedade para sociedade. Hoje o homem age de acordo com os preceitos culturais estabelecidos, determinando diferentes formas de expressão humana

nas mais variadas sociedades instituídas. O autor reforça tal afirmação quando diz que "a *cultura* constitui a lente específica por meio da qual o homem enxerga o mundo", embora ela exprima uma visão parcial deste mundo.

Um estudo aprofundado sobre cultura e sua inter-relação com os aspectos de desenvolvimento do homem tomaria boa parte deste texto, mas é preciso entender que este tema, dado a sua complexidade, compreende para efeitos didáticos de sistematizações, que explicita as mais variadas abordagens construtivas da sua significação. Neste estudo porém, centralizaremos a análise nos aspectos da *cultura corporal*, porque ela nos remeterá ao entendimento das práticas corporais do homem como forma de expressão do mundo em que vive.

O corpo constitui o principal instrumento de contato com o mundo, chegamos mesmo a dizer que a vida é vista pelo corpo, tal é a importância que ele representa num contexto da leitura de nossa realidade vivida. Quando nascemos, nos valemos da nossa inteligência corporal para evidenciar os instintos de sobrevivência, sendo que a fome, o frio, o calor...etc. se apresentam como manifestações que permitem deduzir que antes mesmo de adquirirmos a consciência dos aspectos culturais, nos rendemos a consciência do corpo. Porém conforme DAOLIO(1993), devemos nos render à afirmação de que, independente dos instintos inatos, nossos corpos são construídos culturalmente. O autor nos esclarece mais ainda a afirmação, quando exemplifica que quando bebês, nossa conformação óssea, dos músculos e articulações vão se adaptando à postura do colo da mãe, além disso, verifica ainda que

paralelamente, muitas serão as influências que nortearão nossos comportamentos: um horário determinado para comer e dormir; as vestimentas a serem usadas; o tipo de higiene; as cantigas para dormir; os brinquedos permitidos para se brincar, enfim, tudo que nossos antecessores acumularam como condutas culturalmente construídas e que são passadas de geração à geração. Permito-me nesta análise, me valer das palavras de MAUSS *apud* BRUNS(1989:47):

"O corpo aprende e é cada sociedade específica, em seus diferentes momentos históricos e com sua experiência acumulada que o ensina. E no que ensina o corpo, nele se expressa: no andar, dormir, dançar, nadar, nos gestos, posturas das mãos, no jeito de olhar."

A *cultura corporal* se apresenta na perspectiva de todas as representações ou idéias produzidas ou reproduzidas pela consciência social do homem e que vê no corpo sua melhor maneira de expressar-se: Porém havemos de considerar que se pela cultura o homem expressa o mundo, o corpo cultural deste homem também o expressará, e de várias formas.

Para entendermos como o corpo expressa o mundo por intermédio da cultura, é preciso que tenhamos clareza de que não há sequer um ato humano que não seja cultural. Para se ter uma idéia da amplitude desta afirmação, basta perceber que a utilização de qualquer ferramenta ou utensílio, não terá uma significação plena, se não houver uma interação entre a criação e a assimilação, pelo homem, das operações motrizes encarnadas em tal objeto. Criação e assimilação estas, que dificilmente se

descontextualizarão de uma determinada dinâmica cultural coercitiva de uma determinada necessidade do mesmo, no meio em que vive(LEONTIEV, 1977).

Não é difícil percebermos até aqui, que o corpo sofre por todas as imposições das convenções sociais determinadas pelo mundo moderno. Para se ter uma idéia do nível da perda de identidade do mesmo, até nossos *sentidos*, meio pelo qual nos relacionamos com o mundo, se estruturam em função dos códigos sociais. Isto fica evidenciado quando verificamos que nas diferentes culturas, o paladar, o olfato, o tato...etc, se apresentam ou se estruturam a partir da história cultural construída por cada grupo étnico, nos conduzindo a uma percepção de que a compreensão que o homem tem de sociedade para sociedade, se apresenta na perspectiva das imagens simbólicas, quer sejam elas constituídas pelo seu corpo, no caminho de uma representação pessoal e indiferenciada dos fenômenos da humanidade, ou mesmo, na perspectiva do que MAUSS(1974) chamou de técnica corporal, ou seja, representações corporais construídas histórico-culturalmente, pelo homem de forma tradicional e que são passados para geração posteriores. JESUS(1992), parece-nos ter conseguido explicitar melhor esta questão quando estabelece, num estudo sobre consciência corporal e em especial à "gestualização" como forma de expressão corporal; a existência de um *gesto primordial* e de um *gesto essencial*, onde o primeiro se caracterizaria como um gesto criado culturalmente, logo, inter-relacionado à questão do mito; da simbolização; da imitação...etc; e o segundo como um gesto individualizado, personalizado, ou mesmo como diz o autor: um "eu me digo!". Neste caso, corroboramos a afirmação de

RODRÍGUES(1986:93) de que o único "...caminho possível para compreender o corpo e as práticas corporais é considerá-los como pertencendo ao universo dos símbolos e da comunicação".

SÍMBOLOS e COMUNICAÇÃO, eis a chave para o entendimento de como o homem manifesta a *cultura corporal*. *Símbolo* constituiria toda a representação mental criada por qualquer indivíduo de qualquer situação objetiva, sendo esta representação configurada de forma individual e distinta, de um indivíduo para outro. Em relação ao que o autor chamou de "*Comunicação*", podemos nos ater na análise de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira(1986) no novo dicionário da língua portuguesa, que compreende este termo, dentre outras definições, como:

"...ato ou efeito de emitir, transmitir e receber mensagens por meio de métodos e/ou processos convencionados, quer através da linguagem falada ou escrita, quer de outros sinais, signos ou símbolos, quer de aparelhamento técnico especializado, sonoro e/ou visual".

Estas definições nos permitem perceber que hoje, o homem incorpora as significações do mundo real, pela incrível capacidade de transmitir informações. Não obstante, com o reconhecimento da incrível capacidade do homem atribuir interpretações pessoais e interpessoais destas informações, quase sempre inter-relacionando-as com a realidade do seu dia-a-dia, criou-se o principal elemento perpetuador dos códigos social mantenedores das convenções culturais: **a Comunicação de Massa**.

Para entendermos nos dias de hoje, a comunicação de

massa como principal fator determinante do homem aculturado, seria necessário uma análise muito profunda da maneira pela qual, sob ponto de vista histórico, social e político se estruturou nossa sociedade, o que não compreende os objetivos deste estudo. Porém, na ótica da cultura corporal, verificamos que nossa sociedade se estrutura através dos veículos de informação(rádios, televisões, outdoor, jornais, revistas...etc) que perpetuam o *Status Quo* por intermédio da veiculação da idéia de um modelo de "corpo ideal", ou seja, um corpo dócil, disciplinado, acrítico que sirva aos interesses culturais, sociais e políticos do discurso hegemônico. Havemos de entender contudo, que não existe atividade humana sem uma eventual *praxidade* dos corpos, e esta *praxidade*(prática com consciência) se apresenta também na expressão dos códigos da sociedade, determinados pelas hegemonias, o que nos leva à impossibilidade da negação do caráter político das relações que envolve o corpo, pois a cultura também se estrutura na dinâmica das mesmas.

Vivemos numa sociedade em que o discurso hegemônico perpetua a total alienação do corpo em detrimento da manutenção de valores que atendam a determinados "interesses". São valores da família, da economia, do estado, da igreja...etc, que nem sempre contemplam a real necessidade do corpo. Mas se o corpo expressa a sociedade, é preciso nos reconhecemos enquanto corpos, que podemos expressar a sociedade que quisermos, pois os mesmos sempre estiveram presentes na manifestação dos fenômenos da humanidade e "mesmo despercebidos sempre realizaram os atos neste mundo"(FREIRE,1986:53). Mesmo que nesta relação corpo-mundo, estejamos mais sendo determinados do que determinantes, nossa

praxidade nos permite refletir num caminho do que CASTELLANI FILHO(1988:221) definiu como uma verdadeira consciência corporal do homem, ou seja:

"...compreensão a respeito dos signos tatuados em seu corpo, pelos aspectos sócio-culturais de momentos históricos determinados. É fazê-lo sabedor de que seu corpo sempre estará expressando o discurso hegemônico de uma época e que a compreensão do significado desse discurso, bem como de seus determinantes, é condição para que ele possa vir a participar do processo de construção do seu tempo e, por conseguinte, da elaboração dos signos a serem gravados em seu corpo"

1.1-"O PAÍS DO FUTEBOL"

O Futebol se constitui hoje, como uma das mais significativas manifestações da cultura corporal mundial. Registros históricos comprovam as manifestações de jogos com bola desde os mais remotos períodos da humanidade. Como exemplo, podemos citar: a China antiga, com jogos não denominados, mas muito difundidos por Imperadores como *Cheng Ti* e *Huang Ti*(que chegou inclusive a publicar um livro a respeito destes jogos); a Grécia(776a.c.) com jogos denominados "*epyskiros*" e "*harpaston*", este último incorporado pela Roma Imperial, pelos Gauleses e pelos Francos, dando origem na França da Idade Média, a prática do *soule*(jogo constituído pela condução de uma bola de uma aldeia para a outra entre os aldeões). Também em Florença na Itália, persiste ainda nos dias de hoje, a demonstração do *vecchio calcio in costume*, um jogo constituído

por 27 jogadores em cada equipe, herança de uma antigo esporte da nobreza Fiorentina Renacentista. Porém foi na Inglaterra a ocorrência mais significativa destas manifestações culturais. Entre o século XI e XVI estes jogos de bolas com os pés, deram vazão(em função da violência a que se estruturaram) às primeiras sistematizações e regras, que determinaram o surgimento do drible e a utilização das mãos, caracterizando uma outra prática desportiva muito difundida naquele País: o *rugby*. Porém, só em meados do séc XIX, em alguns colégios como Eton, Oxford e Cambridge, ocorreram manifestações de contrariedade em relação à utilização das mãos, que propiciaram o surgimento da regulamentação do *foot-ball*, passando, com a hegemonia imperialista inglesa, a ser praticado nos principais países desenvolvidos da Europa.

No Brasil como não poderia de ser, o Futebol chegou no final do século passado, trazido pelas mãos de um "inglês" paulista de nome *Charles Miller* que estudara na Inglaterra e vivenciara tal esporte com grande entusiasmo. Uma vez introduzido no Brasil, não demorou muito para o futebol se incorporar como uma das práticas culturais nos clubes burgueses, porém também, não demorou muito para este esporte crescer e deixar de ser um privilégio das elites burguesas. Com advento do crescimento da indústria oriundo da migração do campo, constatava-se um excedente urbano nas grandes cidades, advindos pela promessa de prosperidade. Não seria difícil então, por parte destas pessoas a incorporação dos valores burgueses da época como modelos de conduta, neste caso, passou a ser comum nos intervalos das fábricas os "rachas" de futebol, constituindo-se assim à medida

que tempo passava, como principal atividade de lazer do proletariado e das camadas médias urbanas.

Muitos foram os fatores que contribuíram para que o Futebol no Brasil se constituísse como o "Esporte Nacional". Num primeiro momento podemos dizer que um dos motivos dele ser amplamente praticado, se deva ao fato de que os materiais necessários para a sua dinâmica sejam simplesmente: uma bola, um espaço livre (e isto tinha de sobra dado à nossa extensão territorial) e qualquer objeto que configure o gol. Nenhum esporte coletivo que detivesse similar ludicidade intrínseca se apresentava com tal simplicidade estrutural, para uma população pobre de recursos materiais.

Além dos aspectos de ordem material e estrutural que contribuíram para que o futebol se enquadrasse nas características do brasileiro de então, é preciso reconhecer que somos um povo preponderantemente miscigenado, na sua maioria, incorporando outras raças oriundas da colonização que sofremos no passado. Esta herança étnica, em especial a do negro e do índio, nos brindou com o acúmulo histórico, de atividades corporais que sempre privilegiaram o movimento e a locomoção como formas de expressão cultural dos costumes e das crenças. Podemos perceber em certos ritos indígenas, a manifestação de lutas, danças, dentre outros elementos de expressividade cultural que com certeza, na passagem do seu legado, contribuíram para a estruturação de nossa cultura corporal. Mas é na herança dos ritos corporais do negro, que identificamos a nossa maior herança no que concerne à habilidade com os pés. A existência de atividades corporais como

os rituais do culto africano, oriundos de nossos antepassados escravos e que logo incorporados aos valores do nosso País, deram origem a capoeira, samba, carnaval e muitas outras manifestações de nossa cultura, propiciaram o desenvolvimento por parte dos brasileiros, de uma habilidade específica e natural dos membros inferiores. Esta *técnica corporal*, indiscutivelmente nos delega uma maior facilidade de adaptação ao jogo de futebol.

Além das heranças étnicas, outros motivos contribuíram para que o futebol se tornasse o esporte nº 1 do País. Podemos citar o Clima, o espírito festivo do brasileiro...etc, mas com a popularização eclodida das condições naturais aliadas a prática do futebol, foi na legalização do profissionalismo, amplamente difundido pelos meios de comunicação, que vimos com o tempo, o futebol se incorporar verdadeiramente ao espírito do brasileiro.

1.1.1-FUTEBOL: "UM JOGO DE REPRESENTAÇÕES E INTERESSES"

Vimos no primeiro capítulo deste estudo, que a cultura corporal se apresenta num contexto da representação das sociedades instituídas. Percebemos também que a cultura corporal tanto se apropria do homem, quanto é apropriada pelo mesmo. Isto ficou evidenciado quando entendemos esta apropriação da cultura corporal estruturada sobre a ótica das "significações objetivas", ou seja, das "representações, idéias, conceitos produzido pela consciência social" do homem, que se interpenetram nas suas relações, produzindo um canal de comunicação e expressão

social(COLETIVO DE AUTORES,1992).

Falaremos agora sobre nossa sociedade, mas uma sociedade enxergada sob a lente desta significativa manifestação da nossa cultura corporal, que é o futebol. Será preciso então deixar claro que, conforme explicitamos no primeiro capítulo, procederemos uma visão parcial da mesma, na perspectiva do vislumbamento do que esta nossa particularidade apresenta.

Nossa sociedade, como todas existente no mundo, não é igualitária. Ela se mantém, por uma correlação de forças das classes sociais, em que a classe dominante luta para a manutenção do **Status Quo**, com isso, milhares de brasileiros das classes sociais inexpressivas no quadro de correlações de forças, sofrem por não terem acesso aos bens de consumo, um melhor padrão de vida, acesso à educação...etc.. Estas classes sociais desprestigiadas, aliadas a outras minorias discriminadas como negros, nordestinos... dentre outras, sonham com uma vida melhor e representam no futebol todos os seus anseios e necessidades. DAOLIO(1989:58) em seu texto, considerou o futebol como "...uma prática social que expressa a sociedade brasileira, com todas as suas aparições mais antigas, seus desejos mais profundos e suas contradições mais camufladas". BYINGTON(1982:21), citado pelo mesmo autor, quando discute os símbolos do Futebol, afirma ser ele o "nosso maior exercício psicológico de desenvolvimento". Explica ainda, se referindo ao futebol: "...um fenômeno so faz vibrar a alma individual e cultural de um povo na medida em que contém os símbolos que expressam e nutrem a vida psíquica deste povo". Não é a toa que sociólogos do nosso período de ditadura militar, criaram o termo "*futebol é o ópio do povo*", numa análise errônea sobre uma

possível alienação implícita no ato de torcer, em detrimento da conscientização do momento sócio-político a que o país passava(DAMATTA et.al,1982). Torcer no futebol, longe de uma atividade alienada, constitui a representação fiel do retrato político, econômico e social do nosso País.

Para enxergarmos a maneira pela qual o futebol permite expressar um série de problemas nacionais concretamente vividos e sentidos, basta procedermos com a análise de DAOLIO(1989), que levantou alguns aspectos do futebol que se interpenetram nas características do povo brasileiro, a saber: o *exercício de igualdade implícito em uma partida de futebol*. Como dissemos a pouco, a sociedade não é igualitária nem justa, mas o futebol com seu regulamento tenta constituir as mesmas condições para ambas as equipes, ou seja: o mesmo espaço de atuação com a divisão do campo ao meio; a troca de lados no segundo tempo; a saída em cada tempo por cada time; tudo que antecede o início da partida é decidido por sorteio; a falta é proibida e punida(caso ocorra) com um tiro livre; a bola quando tocada para fora é repostada pelo outro time...etc, enfim, uma relativa condição de igualdade que o povo não tem na sua vida como um todo. O Futebol permite uma dramatização em forma de exercício simbólico de uma "igualdade" inexistente na realidade do brasileiro. *A expressão do drible*. O que seria o drible senão a manifestação de habilidade, seguida de esperteza, no sentido do atacante vencer um obstáculo e burlar o marcador ou a defesa adversária? o autor faz uma análise interessante quando abordando o drible, elege o jogador Garrincha como típico representante do "malandro brasileiro". Um malandro

que tem de vencer as barreiras que o social impõe, com seus dribles malabarísticos, para conseguir o mínimo de recursos para sobreviver numa sociedade onde domina a fome, o desemprego, a miséria. *A livre expressão individual.* A expressão individual continua sendo o fator de desequilíbrio na dinâmica do jogo, pois, se de um lado temos o futebol como esporte coletivo, que cada vez mais privilegia padrões coletivo-defensivistas, é no chute inesperado, na habilidade da cobrança de falta, no drible imprevisível ou na arrancada veloz de um jogador, que localizamos a vantagem de uma equipe em relação à outra. Como vivemos numa sociedade cerceada por convenções culturais e regras sociais, nos sentimos podados em relação à diferenciação que caracteriza cada ser humano. Somos todos diferentes uns dos outros e temos necessidades de expressar estas diferenças a todo momento, infelizmente, o futebol é um dos poucos meios que nos possibilita representar tais individualidades.

Pela simbologia representada pelo homem no esporte, podemos entender esta manifestação da cultura corporal como um elemento propiciador da aquisição de consciência social. No Brasil, o futebol predispõe a aquisição da consciência de classe, uma vez que expressando seus desequilíbrios mais camuflados, poderá o brasileiro perceber-se também como agente ativo na construção e apropriação de uma sociedade mais equilibrada, porém, se de um lado o futebol se apresenta como referencial de saída para os questionamentos que nossa sociedade necessita, por outro lado, este mesmo esporte por intermédio das relações políticas pode servir de veículo condutor de ideologias que atendam a determinados grupos de interesses, tal é a inflamação com o que

nos envolvemos, quando o assunto se refere a nossa paixão futebolística.

Um dos componentes políticos relacionados ao futebol que nos envolve, quase às raias da inconsciência e do acriticismo, indiscutivelmente é o **Nacionalismo**. Quando estamos em época de Copa do Mundo, todos os assuntos pertinentes a nossa sociedade, passam para um plano secundário. Nossas emoções afloram, nosso espírito coletivo se inflama num único objetivo: a vitória. Chegamos mesmos a declarar guerra a quem se contrapôr ao nossos soldados futebolistas. Somos todos um: povo e seleção, e se numa alusão a frase do teatrólogo e jornalista Nelson Rodrigues: "*...a seleção é a pátria de chuteiras*", nós povo brasileiro neste momento somos também a pátria de chuteiras. Mas é preciso termos consciência que vivemos sobre um torturante condicionamento ideológico pelas estruturas governamentais, que nem sempre condizem com os anseios da maioria da população. Como exemplo, podemos citar o ufanismo exacerbado que tomou conta do nosso País na época da ditadura militar, e em especial no período da conquista, e que sucedeu a conquista do tricampeonato mundial de futebol em 1970. Vivíamos então a falsa alegria do "milagre econômico" com o rolamento de nossas dívidas externas e uma relativa "estabilização econômica". A **AERP**(Assessoria Especial das Relações da Presidência) nos vendia a imagem de um próspero País(simbolizado por obras faraônicas como a Transamazônica, Ferrovia do aço, Hidrelétrica de Itaipú...etc), com a veiculação de slogans como "*pra frente Brasil*"; "*ninguém segura este País*"; "*Brasil: ame-o ou deixe-o*"...etc, e músicas altamente capciosas

que com determinados estribilhos, brincavam com nossa inteligência social e percepção dos fatos:

*"Falta arroz,
Falta feijão,
mesmo assim o Brasil é Campeão!"*

ou mesmo, a mais famosa:

*"90 milhões em ação, pra frente Brasil
do meu coração...de repente é aquela
corrente pra frente..."*

Só que por detrás desta propaganda ideológica, escondia-se a verdadeira face do País. Um País totalitário, onde a censura irrestrita impedia todos os tipos de manifestações contrárias ao regime político de então. Uma política que conduziu o País num caminho de torturas e de mortes.

Um outro exemplo de condução ideológica para um impulsionamento nacionalista atrelado ao futebol ocorreu na Argentina, onde o povo com o entusiasmo oriundo da vitória na copa do mundo de 1978, apoiou a ocupação das ilhas Malvinas, atendendo prontamente ao chamado inflamado do governo militar e não mediu conseqüências para um conflito diplomático com a Inglaterra, configurado com uma guerra causadora das mortes de milhares de argentinos.

O Futebol por sua popularidade, é um fenômeno social, e logo não podemos considerá-lo desvinculado da política. Muitos são os políticos que se auto-promoveram através do Futebol, para isto basta relacionarmos os ex-dirigentes, ex-atletas e todos os indivíduos que tiveram algum vínculo com este esporte e que se encontram por detrás de cargos públicos. Podemos citar como dirigentes: *Adilson Monteiro Alves,*

atual Deputado Estadual e antigo Diretor de Futebol do Sport Clube Corinthians Paulista; *Márcio Braga*, atual Deputado Federal pelo Rio de Janeiro e antigo Presidente do Clube de Regatas Flamengo; *Marco Abid Chedid*, atual Vereador em Campinas-SP e antigo Presidente Associação Atlética Ponte Preta de Campinas. Como Jogadores: *Biro-Biro*, atual Vereador em São Paulo e ainda Jogador de Futebol Profissional; *Roberto Dinamite*, atual Vereador no Rio de Janeiro e ex-jogador do Vasco da Gama; *Sócrates*, atual Vereador em Ribeirão Preto-SP e ex-jogador do Botafogo de Ribeirão Preto. Como cronistas desportivos: *Juarez Soares*, atual Deputado Estadual em São Paulo e ainda cronista-associado da TV Bandeirantes; e com certeza o mais famoso de todos estes, dado o envolvimento do seu nome em escândalos de corrupção, *Ibsen Pinheiro*, atual Deputado Federal pelo Rio Grande do Sul e ex-cronista de futebol em Porto Alegre. Todos eleitos pela popularidade advinda do futebol, frutos das constantes aparições nos meios de comunicação como rádios, Jornais e Televisões.

Como cidadãos que sonham com uma sociedade democrática e expressiva dos direitos da cidadania, devemos computar como normal a atuação político-partidária nos órgãos que governam um país, e no caso do futebol, mesmo que constataremos a existência dos ideólogos políticos do futebol e dos ideólogos políticos advindos do futebol, é preciso consideramos como válido e necessário a escolha da militância política nos diversos segmentos da sociedade.

No Futebol, seus ideólogos políticos exercem, sobremaneira, um efeito sugestivo de massa. Podemos dividir esta militância em duas vertentes: a primeira, os políticos do futebol

que atuam em Clubes, Federações e Confederações, quase sempre interferindo na estrutura organizacional deste esporte, no sentido de organizar campeonatos rentáveis, estruturar os clubes, fazer o clube ser competitivo em todos os níveis...etc, como exemplo podemos citar o ex-secretário geral de Esporte do Governo Collor(ainda jogador de futebol profissional) *Arthur Antunes Coimbra, o Zico*, com a elaboração e implementação no Congresso Nacional da **Lei Zico**, que defende a mudança estrutural dos times profissionais, transformando-os em Empresas; *Ricardo Teixeira*, presidente da CBF-Confederação Brasileira de Futebol e presidentes de Clubes e Federações. A segunda e mais complicada vertente, se constituiria nos ideólogos do futebol, que em função dele, discursam e imprimem comportamentos e interpretações sociais. Como exemplo podemos citar o ex-jogador de futebol *Gérson "canhotinha de ouro"*, com a sua famosa frase: "...todo mundo gosta de levar vantagem em tudo, certo?", afirmação esta que compunha o corpo de sua atuação profissional como comentarista de futebol, onde constantemente o ouvíamos dizer frases como: "...o jogador tem que ser parado de qualquer jeito, mesmo com um tranco". Estas frases, com certeza tinham um alcance muito grande na população, principalmente advindas de um mito do futebol como este ex-jogador, e elas com certeza incutíam um sentimento de se valorizar as vantagens em relação a tudo, mesmo que para isto cometa-se delitos, injustiças e desonestidades. Agora pergunto, qual é a dimensão social que frases como estas alcançaram em nossa sociedade atual? Como resposta, basta que vejamos hoje as manchetes dos principais jornais do País, que tratam dentre outros assuntos

do PC Farias, Corrupção do Governo e Empreiteiras, Sonegação Fiscal, "Apadrinhamentos", Legendas Partidárias de Aluguel...Etc.

Um outro exemplo deste tipo de ideólogo de futebol é *Edson Arantes do Nascimento*, o popular *Pelé*, que quando marcou seu milésimo gol, não cansou de oferecê-lo às criancinhas desamparadas e famintas, num gesto muito comentado e tido como louvável por todos na época, porém, um gesto que explicitava ingenuidade política em não criticar também o sistema capitalista, principal dissiminator da miséria e mortalidade infantil no País; uma ingenuidade que também se apresentou, quando indiretamente ajudou a ditadura militar a abafar o clamor popular pelas eleições diretas, no apregoamento da frase "o povo não sabe votar".

Com isto, resta-nos a percepção de que o futebol e seus ideólogos políticos, quase sempre se apresentam como elementos perpetuadores da ordem social hegemônica, porém, é preciso nos considerar como agentes ativos desta sociedade em movimento, e com isto caminharmos politicamente num sentido que considere sempre o futebol como um fenômeno vindo das relações sociais do nosso povo, logo representativo da nossa sociedade.

O Futebol é um instrumento de poder. Mas sabemos que por detrás deste instrumento amplamente complexo, se esconde um elemento que com certeza imprime todas as condições básicas para sua estabilização: *o poder econômico*. A profissionalização do Futebol propiciou uma grande circulação de dinheiro. Este dinheiro é multiplicado pela mídia que investe fundo nos meios de comunicações e propagandas, quase sempre, divulgando produtos de consumo para a grande massa de afeiçoados pelo futebol.

São muitas as fórmulas de se ganhar dinheiro com o

futebol. Podemos começar com os aluguéis de espaços publicitários ao lado do gramado, e quem detém a administração do Estádio ganha muito dinheiro com este recurso. Até os jogadores se valem deste meio, transfigurando o significado do famoso "gol de placa", que no passado quando feito com brilhantismo e extrema habilidade plástica, recebia no estádio uma placa-registro de tal feito. Hoje, qualquer jogador faz gol de placa, não uma placa-registro, mas a placa do anunciante do estádio, que o paga para assim que fizer o gol, correr na sua direção e comemorar perto da mesma, expondo o produto ou a marca da empresa aos meios de comunicação. Nesta linha de raciocínio, constatamos muitas outras formas do jogador de futebol ganhar dinheiro fora de seu salário e premiações. Hoje uma boa parcela destes atletas são garotos-propaganda, quase sempre ostentando em seus uniformes, o uso exclusivo da marca da chuteira, da fita de cabeça com o nome do anunciante e outras formas de se divulgar o patrocinador, com a devida autorização dos clubes, que em muitas vezes se valem dele para pagar o salário de seus craques.

As grandes empresas investem firmes em propagandas nos uniformes dos times profissionais. É muito comum verificarmos o nome das mais variadas empresas mescladas com nomes de times tradicionais do Futebol Brasileiro, e o retorno não só é certo como as vezes até triplicado. Para isso basta que verifiquemos o número de vezes que a marca aparece, quando um time como o Corinthians por exemplo, entra em campo: são milhares de torcedores no estádio, milhares de telespectadores na televisão e como se não bastasse, milhares de torcedores que ostentam

orgulhosamente sua camisa, boné, bottons, chaveiros...etc. Eis um exemplo do volume de dinheiro repassado ou a ser repassado a alguns dos principais Clubes de Futebol profissional do Brasil no ano de 94, pelos seus respectivos patrocinadores e Produtos:

CLUBES	PATROCINADOR	PRODUTO	VERBA ANUAL
Corinthians	-> Kalunga	-> Papeis	-> US\$ 780 mil
Flamengo	-> Lubrax	-> Lubrificantes	-> US\$ 700 mil
Fluminense	-> Coca-Cola	-> Refrigerantes	-> US\$ 200 mil
Guarani(SP)	-> Magnum	-> Relógios	-> US\$ 20 mil [*]
Palmeiras	-> Parmalat	-> Laticínios	-> US\$ 600 mil
Santos	-> Coca-Cola	-> Refrigerantes	-> US\$ 200 mil
São Paulo	-> Tan	-> Transp.Aéreos	-> US\$
			1.32 milhão

(*) Fonte: Jornal Correio Popular de Campinas de 13/01/94 (^{*}verba mensal)

Como se não bastasse ainda, a televisão, um dos principais veículos de divulgação desta propaganda toda, repassou nas pessoas das tevês *Bandeirantes* e *Globo*, para alguns clubes citados acima e outros não citados, além da Federação Paulista de Futebol, um total de US\$ 3,2 Milhões para a aquisição dos direitos antecipados de transmissão do Campeonato Paulista de 1994.

A popularidade e ascendência cultural contidas no futebol o faz estimular muitas idéias de como se gerar e circular capitais. Temos aí a criação da Loteria Esportiva, que em toda semana leva milhões de brasileiros às casas de apostas, embuídos do sonho de ficarem facilmente ricos; esta mesma Loteria Esportiva, criada e mantida pelos órgãos do governo, que se vale do seu montante, assim que liberado o prêmio dos ganhadores, para repassar percentuais à Legião Brasileira de Assistência, Cruz

Vermelha Brasileira, Comitê Olímpico Brasileiro e Clubes de Futebol Profissionais e Amadores.

É grande a influência que o futebol exerce nos modos de produção capitalista, em que o lucro exarcebado se apresenta como principal elemento de ascensão econômica. E numa breve análise sobre a influência do futebol na obtenção de recursos nas empresas privadas, verificamos que a torcida que detém o maior número de operários, a do Corinthians, quando está bem no campeonato a produção aumenta, mas quando está mal no campeonato não só a produção diminui como o número de acidentes cresce.

1.1.2- O FUTEBOL E O COTIDIANO DAS CRIANÇAS.

Com a dimensão que o futebol tomou na cultura brasileira, não é difícil imaginar de imediato que em qualquer lugar do nosso País, a imagem que se tem, é que desde muito cedo quando crianças, aprendemos a amá-lo, idolatrá-lo, incorporando-o no nosso universo lúdico. De Fato, já na barriga de nossas mães, já temos um time do coração, representado pela camisa presenteada pelo pai, que sonha em ver seu filho, antes mesmo dele arriscar os primeiros passos, ostentar como jogador profissional a camisa do selecionado nacional ou do time do coração.

De fato, é muito comum vermos crianças jogando futebol na rua, e a eleição por parte delas deste esporte como principal instrumento de lazer, propiciou ao Brasil, o título de maior "celeiro" de jogadores habilidosos do mundo. Não é a toa que

desta atividade corporal das crianças, surgiram jogadores como *Didi*, *Nilton Santos*, *Garrincha*, *Rivelino*, *Dicá*, ou mesmo o maior de todos estes, *Pelé*. Mas se os referidos craques, surgiram pelo espírito festivo do "brincar" de futebol nas ruas, nos descampados, ou nos famosos campos de várzea, hoje a criança sofre pelo desenvolvimento econômico, que propiciando o crescimento demográfico, viu na ocupação dos espaços livre, uma forma indireta de impedir esta manifestação da cultura do brasileiro. Não é a toa que dos grandes centros urbanos advém pouquíssimos jogadores às equipes profissionais. Mas o futebol continua existindo mais forte do que nunca para a criança, principalmente em função da importância que a televisão tomou hoje no processo educativo. Como resolver os problemas ocasionados pelo crescimento urbanístico, se o País continua a crescer, invertendo agora os processos de migração, que ao invés de promover a ocupação dos grandes centros, estimula a reapropriação do interior? Além da dor de cabeça dos Pais em verem constantemente móveis e vidraças de suas casas quebrados pelos filhos e a constante preocupação de verem os mesmos jogando na rua e assim expostos aos problemas implícitos(sociais e estruturais) dos grandes centros, foi com o advento das escolinhas de futebol, que se viu uma das saídas para se tentar conciliar estes problemas sociais em relação à manifestação infantil do futebol.

Apesar das Escolinhas comporem uma das formas de se vencer as barreiras urbanísticas do futebol, é preciso termos claro que elas se estruturam como "negócios", não atendendo a população infantil de baixa renda, e nem sempre, atuando com o

objetivo maior de perpetuar este esporte sob o prisma, de como ele se manifesta na cultura infantil.

Nas escolas, tanto particulares como públicas e tanto dos grandes centros quanto da periferia, é que vemos a maior utilização do futebol como lazer. Nos recreios ou intervalos de aula é quase sagrado, as "peladas" ou os "contras" entre classes. E num exemplo muito vivenciado pelos professores de Educação Física pergunto:....quem nunca encontrou dificuldades de ministrar os conteúdos programáticos da disciplina na escola, face às constantes solicitações por parte dos alunos do jogo de futebol? É em vista de todos os pontos aqui enumerados e do alcance deste esporte tão amplamente difundido no universo infantil, que compreendo ser necessário um estudo aprofundado de todos os temas pertinentes a sua prática e influenciativos no desenvolvimento global da criança.

I I

O Desenvolvimento Global
da Criança

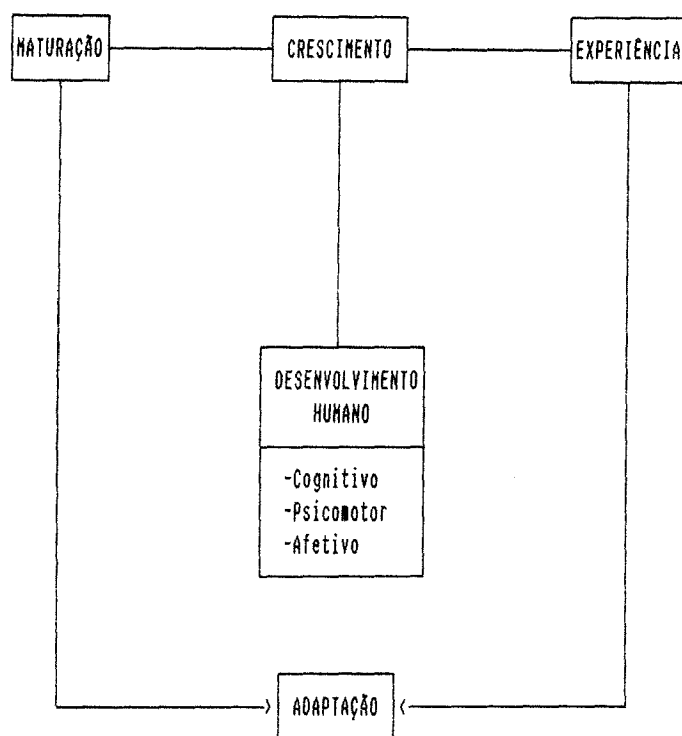
Quando falamos em desenvolvimento global da criança, é preciso termos claro, que a terminologia "global" compreende a consideração do princípio da "totalidade", onde o termo sugeriria uma abordagem de todos os fatores constitutivos de um todo.

Grande parte dos cientistas que postularam alguma tese a cerca do desenvolvimento infantil, partiram do referencial do estudo do seu comportamento, e isto, até por constataremos uma complexidade inerente ao desenvolvimento do homem, propiciou o direcionamento destes estudos em áreas de concentração, proporcionando a especialização por muitos dos mais diversos aspectos deste comportamento. Este tipo de procedimento construído e construtor de um paradigma de ciência, que ainda domina a comunidade científica nos dias hoje, nos delegou um conhecimento falseado dos fenômenos da humanidade, pois se sabemos pormenorizadamente de aspectos específicos do comportamento humano, a junção de todos os aspectos, teoricamente contrutivos do mesmo, não garantem por si só que venhamos a compreendê-lo como um todo. Esta visão errônea de que a soma das partes é igual ao todo em ciência, representado por um paradigma newtoniano-cartesiano, tem proporcionado debates na comunidade científica, no sentido de conduzirmos os caminhos da ciência, a fim de darmos respostas convincentes aos anseios explicativos dos fenômenos humanos. Mas devemos ter cuidado com a preocupação de darmos conta do "todo", e não caírmos numa análise globalizante abstrata dos fenômenos, sem evidenciarmos seus significados reais, ou seja, seus componentes, os mecanismos e principalmente suas interações

construtivas da totalidade.

No que se refere ao estudo do comportamento humano, temos claro que o mesmo será norteado por duas vertentes: a da *totalidade*, entendendo que qualquer categoria do comportamento humano se manifesta integrado a outros; e a *especificidade*, entendendo que cada categoria deste comportamento, deverá ser vista especificamente, dada a predominância de uma sobre as outras. Neste pressuposto, muitos autores da área da Educação Física compreendem o desenvolvimento humano e em especial a da criança como uma estrutura complexa, composta por categorias e sub-categorias integradas sistemicamente e em constante estado interativo. São consideradas sub-categorias: a **Adaptação**, como um processo de ajustamento da criança às condições de seu meio-ambiente; o **Crescimento**, no seu sentido mais puro, referindo-se ao "aumento no tamanho do corpo ou das suas partes, à medida que a criança progride em direção à maturidade. Em outras palavras podemos considerar o crescimento como um aumento na estrutura do corpo, ocasionado pela multiplicação ou alargamento das células"(GALLAHUE *apud* TANI:139); a **Experiência**, "referindo-se aos fatores, dentro do meio ambiente, que podem alterar ou modificar o aparecimento de várias características de desenvolvimento, através do processo de aprendizagem"(IBIDEM:139) e a **Maturação**, como um processo de transformação e desenvolvimento de um órgão ou organismo para o exercício pleno de suas funções. Sob o ponto de vista biológico, consideramos a maturação como inata do organismo, determinada geneticamente, onde a mesma se constitui por uma ordem fixa de progressão na qual a velocidade pode variar, mas a sequência do aparecimento de características geralmente não varia.

São consideradas categorias os aspectos **cognitivos, Psicomotores e Afetivos(sociais)**, GALLAHUE *apud* GUISELINI(1985:28), estruturou em seus estudos sobre desenvolvimento de criança, um modelo teórico que explicita bem a inter-relação dos componentes construtivos do desenvolvimento humano, a saber:



As categorias enumeradas ao centro do esquema citado, compreendem hoje na área da Educação Física, como os principais pólos interpretativos da maneira pela qual a criança se desenvolve. Seus significados, seus mecanismos e seus objetos inter-relativos e influenciativos no processo de desenvolvimento infantil, serão vistos de maneira mais específica a seguir.

2.1-ASPECTOS COGNITIVOS.

Chamamos de **cognição**, todos os processos que contribuem para aquisição de conhecimento por parte do indivíduo. Refere-se para tanto, na *organização deste conhecimento, processamento de informações, estilos de pensamento e comportamento relativos a tomada de decisão...*etc.

Para falarmos dos aspectos cognitivos, nos fundamentaremos na teoria de *JEAN PIAGET*, pois o mesmo talvez tenha sido o cientista que mais contribuições tenha dado na busca do entendimento do processo que cerca o desenvolvimento cognitivo da criança. Sua preocupação central foi estudar a maneira pela qual se manifestam os processos de pensamentos presentes no indivíduo desde a infância inicial até a fase adulta, e com isto, dirigir-se a elaboração de uma teoria do conhecimento que pudesse explicar como o organismo conhece o mundo.

A *epistemologia genética*, ciência criada por Piaget e que visa o estudo dos meios pelo qual a criança conhece o mundo, centraliza a sua análise nos objetos sucessivos que são reconhecidos pelo sujeito no curso de suas diferentes etapas de desenvolvimento, para isto compõe-se de alguns elementos básicos de interpretação, como a HEREDITARIEDADE, que compreenderia a herança genética de estruturas biológicas (sensoriais e neurológicas) e que se constituiriam, através do processo maturacional, como o referencial de saída para o desenvolvimento de outras estruturas mentais e sensoriais. Para explicar melhor o que venha ser hereditariedade, citamos a inteligência e o fato de

não nascermos com ela. Herdamos sim ao nascer, um organismo que vai amadurecer em contato com o meio ambiente, propiciando através desta interação organismo-ambiente, o surgimento de determinadas estruturas cognitivas. As estruturas biológicas herdadas seguidas da maturação, propiciará estruturas mentais tão complexas, que as mesmas possibilitarão interações cada vez melhores com o ambiente(*aspectos físicos, sociais e de relacionamento humano*); ADAPTAÇÃO, que seria a forma pela qual o organismo tenta, através de constantes mudanças, se manter em estado de equilíbrio. A criança desde o momento que nasce, vive continuamente instigada a resolver as questões que o meio ambiente apresenta, isto faz com que seu organismo viva constantemente em estado de desequilíbrio com as novas informações, e busquem formas comportamentais mais adaptativas. Podemos dizer que todo o "novo"(novidade do meio-ambiente), presdipõe um rearranjo do organismo no sentido de conhecê-lo. Para isto terá de se valer das estruturas mentais existentes e se elas forem ineficientes, terão de ser modificadas a fim de que se possa chegar a uma forma adequada para o trato com a nova situação. Neste caso identificamos dois processos complementares à adaptação: *Assimilação e Acomodação*, onde o primeiro refletiria a tentativa do organismo de solucionar uma determinada questão ou situação, utilizando para isto uma estrutura mental já formada. Esta nova situação ou o novo elemento é incorporado e assimilado a um sistema já pronto, consituindo-se assim, uma atualização de um aspecto do repertório comportamental ou mental do organismo numa dada circunstância; já o segundo elemento complementar do processo de adaptação, se constituiria no processo de modificação das

estruturas antigas, no caminho da solução de um novo problema e/ou ajustamento de uma nova situação. Este processo de modificação só acontecerá se ocorrerem novas formas de interação com as situações novas, considerando as propriedades específicas do objeto problema. Ocorrerá com isto, modificações das estruturas antigas, consequência do domínio do novo. É importante colocar, que na visão de Piaget é impossível de acontecer uma situação de assimilação sem acomodação, dado a grande variabilidade de situações e de pessoas. Diz ainda que este processo é extremamente dinâmico na medida em que possibilita um desenvolvimento efetivo, quando da aquisição por parte do indivíduo de uma versatilidade cada vez maior em lidar com as situações da vida prática: ESQUEMA. Como vimos anteriormente as crianças quando nascem, não herdam uma inteligência organizada, mas sim uma estrutura neurológica básica, configurada num caos sob ponto de vista organizacional. Pois bem a medida que a criança interage com as novidades do meio ambiente, irá formando estruturas mentais, no sentido de organizar este caos de sensações e estados desconhecidos. A estas estruturas mentais constituídas por unidades estruturais básicas de pensamento ou ação, correspondentes a uma estrutura biológica que muda e se adapta, denominamos *ESQUEMAS*. Este termo, tanto pode encampar uma seqüência específica de ações motoras construídas pelo indivíduo, para um determinado fim, como pode se constituir em imagens mentais de algum lugar que estivemos e lá tivemos vivências significativas; também pode se referir a estratégias mentais utilizadas para solução de problemas matemáticos. Esta unidade estrutural da mente não é um elemento estático, é dinâmico e se

mantém em contínuo desenvolvimento, propiciando ao indivíduo adaptações mais complexas; EQUILÍBRIO, ... seria a constante organização dos mais variados elementos orgânicos, estruturados em sistemas maiores ou menores; mais simples ou mais complexos, no caminho da obtenção tanto de um desenvolvimento, como de um funcionamento harmônico do organismo. Esta constante busca de EQUILÍBRIO acontece, pelo organismo sentir necessidade de um estado de equilíbrio interno que permita sua sobrevivência em determinado meio ambiente, e qualquer que seja o desacordo que desestruture este sistema, ele procurará constantemente retornar ao estado anterior de equilíbrio. No que se refere à organização mental do indivíduo, verificamos um processo semelhante denominado *equilibração das estruturas cognitivas*. Este processo se constituiria na organização das estruturas cognitivas num sistema coerente, interdependente, que possibilite ao indivíduo um tipo ou outro de adaptação à realidade, ou seja, uma criança recém-nascida que não compreende sua realidade circundante, está em desequilíbrio. Começará a se reequilibrar quando formar seus primeiros esquemas, denominados *esquemas sensório-motores*.

Para o pesquisador o conhecimento é essencialmente ativo, uma vez que ele se origina do produto de sucessivas adaptações (assimilação X acomodação) que comporão praticamente toda a história de sua vida. Ele admite pelo menos duas fases, no que se refere à aquisição do conhecimento, são elas a *fase exógena* (ênfasis a constatação, a cópia e a repetição) e a *fase endógena* (fase da compreensão das relações, das combinações). A primeira fase constitui hoje, no modelo educacional, a principal etapa de investimento no processo de aquisição de conhecimento; a segunda

no entanto compreende o principal referencial de aquisição de conhecimento. Esta importância delegada à segunda fase, acontece por ela sugerir um nível de abstração, que se manifesta de duas formas: *empírica*, onde o indivíduo retira informações do próprio objeto ou *reflexiva*, onde suas possibilidades se apresentam graças às operações (coordenações de ações), a partir das próprias atividades do sujeito.

De fato, quanto mais a criança operar ou coordenar esquemas de ação, no caminho da necessidade da interação com o mundo a sua volta, mais e mais ela irá incorporando o conhecimento relativo ao seu ambiente, naquele momento de sua vida. Parece claro que no processo de aquisição de conhecimento, a criança deverá construir o seu mundo, reinventando-o na medida que interage com ele. Um fenômeno básico no desenvolvimento da criança é caracterizado pela acoplagem do sistema simbólico à atividade real, o que lhe possibilita pôr o pensamento a serviço da ação.

Esta característica do ser humano em interagir com o meio ambiente, de dominá-lo e colocá-lo a seu serviço, constitui o que Piaget chamou de **lógica do organismo**, caracterizado pelo desenvolvimento inter-relacionado dos aspectos *filogenéticos* (desenvolvimento da espécie) e *ontogenéticos* (homem x meio) de estádios mais primitivos, menos plásticos, menos móveis, em direção ao pensamento hipotético-dedutivo, onde se adquire instrumentos de adaptação que lhe possibilitarão enfrentar qualquer perturbação do meio. Este processo de desenvolvimento foi caracterizado por Piaget com um processo de equilibração progressiva que tende para uma forma final, ou seja, a conquista

das operações formais. O equilíbrio se refere à forma pela qual o indivíduo lida com a realidade na tentativa de compreendê-la; como organiza seus conhecimentos(ou seus esquemas) em sistemas integrados de ações ou crenças, com finalidades de adaptação.

A criança é agente do seu próprio desenvolvimento, e irá construí-lo a partir de quatro determinantes básicos: **maturação, estimulação do ambiente físico, aprendizagem social e tendência ao equilíbrio.** MIZUKAMI(1986:66), numa síntese de vários autores que estudam a obra de Piaget, descreveu melhor os determinantes básicos do desenvolvimento cognitivo da criança. Eles se estruturam:

(1)-Pelas maturações internas do organismo, complexificação biológica ligada à maturação do sistema nervoso.

(2)-Pelas aquisições vinculadas à experiência, que podem ser de três tipos:

A)Devidas ao exercício, resultando na consolidação e coordenação de reflexos hereditários. Nesta categoria inclui-se também o exercício de operações intelectuais aplicadas ao objeto.

B)Devidas à experiência física, que comporta ações diferenciadas em função dos objetos. Esse tipo de experiência implica em agir sobre os objetos para descobrir as propriedades que são abstraídas destes próprios objetos. Neste caso, os resultados da ação estão vinculados às propriedades do objeto.

C)Devidas à experiência lógica-matemática: implica em ação sobre os objetos de forma a descobrir propriedades que são abstraídas das próprias ações do sujeito. Consiste em conhecimentos retirados das ações sobre os objetos. Estas estruturas, por sua vez, tornam-se necessárias à organização e ao registro da experiência. Esta construção é típica da inteligência operatória e não é imposta. É resultado da equilibração e a condição para que seja obtida é a interação do sujeito com o meio.

(3) *Pela estimulação ou imposição do meio externo social relativas a:*

A) Imposição do nível operatório das regras, valores e signos da sociedade em que o indivíduo se desenvolve;

B) Interações realizadas entre os indivíduos que compõem o grupo social.

(4) *Pelas equilibrações processadas nas reestruturações internas, ao longo da construção seqüencial dos estágios.*

Assim percebemos que o processo de desenvolvimento do indivíduo se constituirá de determinados estágios que se inter-relacionam e se sucedem até um nível maior de mobilidade e estabilidade nunca alcançado. Não é a tóa que Piaget compreende o indivíduo como um sistema aberto e obstinado às reestruturações sucessivas. FURTH(1974) *apud* MIZUKAMI(1986:60) assim definiu as características destes estágios:

(1)

Cada estágio envolve um período de formação(gênese) e um período de realização. Realização é caracterizada pela progressiva organização composta de operações mentais.

(2)

Cada Estrutura constitui ao mesmo tempo a realização de um estágio e o começo do estágio seguinte, de um novo processo evolucionário.

(3)

A ordem de sucessão dos estágios é constante. Idades de realização podem variar dentro de certos limites em função de fatores tais como motivos, exercícios, meio cultural e outros.

(4)

A transição de um estágio anterior ao seguinte segue a lei de implicação análoga ao processo de integração. As estruturas precedentes tornam-se parte das estruturas posteriores.

Teoria Piagetiana dos Estágio de desenvolvimento da criança

Período	Faixa Etária Aproximadamente
Sensório-Motor --> ^ v	Nascimento até 2 anos
Pré-Operatório --> ^ v	2 a 6-7 anos
Operatório-Concreto --> ^ v	6-7 a 11-12 anos
Operatório-Formal -->	11-12 até a idade adulta

PERÍODO SENSÓRIO-MOTOR(0 a 2 anos): *Inteligência Prática.*

Estágio em que as crianças se utilizam dos esquemas de ação para adaptação ao mundo. Nesta fase ela inicia seu desenvolvimento, partindo sempre de movimentos reflexos com vistas à adaptação a algum objeto. Isto implica na coordenação e aplicação dos seus esquemas motores(*olhar, sugar, morder, balançar...etc*), na ação sobre algum objeto, transformando-os e conseqüentemente construindo novos esquemas. Na verdade esta fase

representa a conquista , através da percepção e dos movimentos de todo universo prático que cerca a criança, pois a medida que ela interage motoramente com algum objeto, ela trabalha ativamente no sentido de formar uma noção do "eu", de se distinguir como "objeto" dos demais objetos existentes no exterior e de se colocar em relação a eles.

A criança no final do período sensório motor, estará bastante auto-centralizada em seu entendimento da realidade, mas terá realizado uma boa caminhada no sentido da aquisição de algum conhecimento e adaptação à esta realidade. Apesar de suas limitações, também terá desenvolvido algumas formas de equilíbrio e recursos pessoais, para resolver uma série de situações via inteligência prática.

PERÍODO PRÉ-OPERATÓRIO(2 A 6-7 ANOS): *Inteligência Intuitiva ou pré-lógica.*

Esta fase se caracteriza pela interiorização dos esquemas construídos no estágio anterior. Todas as ações perceptivo-motoras, são reconstruídas no plano intuitivo das imagens e das experiências mentais. A criança na fase pré-operatória estrutura leituras da sua realidade sob forma de imagens representativas, se deixando levar pela aparência dos fatos e proporcionando configurações abstratas a cerca do real. Um exemplo claro da caracterização de um *equilíbrio* instável, é que nesta fase a criança não possui noção de conservação(*liquido, quantidade, massa*), classificando e seriando objetos empiricamente. Isto acontece por que a criança nesta fase não tem

desenvolvido o sistema lógico, componente vital das operações formais, e que faça com que ela realize uma mesma ação nos dois sentidos(ida e volta), com a consciência de que se trata da mesma ação(**REVERSIBILIDADE**). Em função da irreversibilidade de pensamento da criança, a mesma apresenta EGOCENTRISMO, ou seja, não distingue um mundo, ou uma situação da qual não faça parte, confunde-se com objetos e pessoas, no sentido de atribuir a eles seus próprios pensamentos, sentimentos...etc(explicações animísticas e artificialistas do mundo ao seu redor). Esta dificuldade da criança egocêntrica de distinguir o ponto de vista do outro(**descentração**), se apresenta por que ela não consegue coordenar seus próprios pontos de vista. Verificamos também, que nesta fase a cooperação é inexistente, pois a criança não partilha seus objetos e tem dificuldade de se relacionar(por isso brincam sozinhas, inclusive em grupos). São incapazes de cumprir regras e normas, mesmo que estas tenham sido estabelecidas em grupo.

Para Piaget a principal diferença entre o pensamento da criança do período sensório-motor e o pensamento da criança pré-operatória é o aparecimento da função simbólica. Símbolo para Piaget é uma representação mental de objetos do meio externo e constituem a forma pela qual a criança pré-operatória representa mentalmente as ações que vive no mundo.

PERÍODO OPERATÓRIO CONCRETO(6-7 a 11-12 anos): *Pensamento Lógico.*

Neste período observamos na criança, o declínio do

egocentrismo intelectual e um crescente incremento do pensamento lógico, estruturados por esquemas mentais verdadeiros, que passarão a ter influências diretas da razão, na leitura da realidade, e não mais da assimilação egocêntrica. A criança nesta fase sente necessidade de explicar mentalmente tudo que acontece ao seu redor, não tolerando contradições entre o pensamento e a ação. Desenvolve o processo da reversibilidade, enfatizando o julgamento conceitual em detrimento do julgamento perceptivo, consolidando o seu pensamento numa estrutura lógica, também denominada por Piaget como **AGRUPAMENTO**(tipo de organização lógica que rege a utilização de determinados esquemas conceituais).

PERÍODO DAS OPERAÇÕES LÓGICAS(11-12 Anos a Idade Adulta):

Pensamento Formal.

Apesar de na fase anterior haver a necessidade do uso do material concreto para a elaboração de esquemas conceituais, verificaremos que nesta fase a necessidade diminui. O sujeito do período de operações lógicas, será capaz de formar esquemas conceituais abstratos(como amor, fantasia, justiça, democracia...etc) e relacioná-los a operações mentais que seguem o princípio da lógica formal, com isto poderá adquirir uma riqueza imensa no que refere a flexibilidade de pensamento. De maneira geral o sujeito nesta fase cria infinitas hipóteses a respeito de um mesmo tema, procura definições, cria propriedades...enfim, torna-se consciente de seu próprio pensamento, lidando com relações entre as relações, refletindo sobre elas a fim de oferecer justificações lógicas para os julgamentos que faz.

2.2-ASPECTOS PSICOMOTORES.

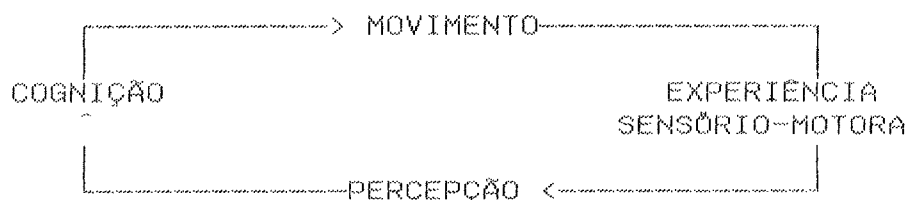
Movimento, eis a palavra chave que norteia os estudos dos aspectos de desenvolvimento motor ou psicomotor. Parece não haver nenhuma divergência dos estudiosos do movimento humano, no que se refere à importância que ele tem no processo de desenvolvimento, não só da criança, mas do homem enquanto viver. Podemos dizer de maneira até simplista que tudo que está vivo se movimenta, este movimento pode ser ou não perceptivo aos olhos humanos, mas indiscutivelmente ele se manifesta na vida.

Os movimentos, representados como fator de interação entre o homem e o meio ambiente, desempenharam um papel primordial no desenvolvimento humano, não só na sua promoção na escala evolutiva dos animais, como no próprio processo evolutivo que o levou ser um organismo tão facilmente adaptável a uma natureza que extinguiu milhares de espécies.

O movimento, dado a sua importância, tem se configurado hoje como um dos principais objetos de estudo na área acadêmica, porém, a importância desta manifestação inerente a todos os processos de promoção humana, conduziu as mais variadas postulações teóricas, no sentido de ora justificá-lo como meio educativo, propiciando uma *"aprendizagem pelo movimento"* ou ora justificá-lo como referencial de saída para um processo educativo, valorizando sua significação real, ou como dizem os estudiosos de uma *"aprendizagem do movimento"*, a consideração da importância do homem em dominar o movimento.

Uma educação pelo movimento, parte da constatação de que o exercício do movimento propicia a interligação do mundo

concreto às representações mentais. Advoga também a constatação de uma inteligência corporal, ou seja, "...um saber fazer que permite às pessoas realizar ininterruptamente uma infidável quantidade de ações sem que o raciocínio tenha que intervir"(FREIRE,1989:84). De fato, estudiosos como LE BOULCH(1982) tem demonstrado que o movimento exerce influências positivas no desenvolvimento perceptivo, principal elemento propiciador de uma aprendizagem efetiva. Este exercício perceptivo-motor da criança, representado por percepções do corpo, de espaço, de direção...etc, faz com que ela crie conceitos com as reinterpretações da forma e do símbolo, e conseqüentemente se desenvolva. GOLDMAN *apud* GUSELINI(1985:23), compreende as experiências de movimento, como uma "...chave do desenvolvimento da percepção que começa através de uma grande variedade de experiências sensório-motoras". Estas experiências sensório-motoras se constituiriam ainda, na opinião do autor, como o primeiro e principal fator interativo entre a criança e o meio-ambiente. Propõe com isto o seguinte modelo teórico:



As experiências de movimento, não presdispõem apenas ao desenvolvimento dos aspectos cognitivos, elas levam a criança a se movimentar melhor, na medida que proporciona o

exercício sucessivo de esquemas motores, ou seja, a incorporação de experiências de movimentos anteriores, na construção de novos movimentos que constituirão no decorrer da sua vida, um aumento qualitativo de habilidades motoras. Verificamos também que uma criança, que pouco vivenciou destas experiências, nas diferentes fases de seu desenvolvimento, em função talvez do crescimento em ambientes pouco estimulativos, geralmente se comporta como insegura, tímida, instável...etc, sentimentos estes que com certeza interferem em seus relacionamentos interpessoais. Pois bem, as experiências com movimentos podem propiciar o surgimento do autoconceito, por que imprimirá a mesma, necessidades do "agir", "reagir" e "interagir", exercícios estes que com certeza contribuirão para a formação de um sentimento pessoal, que extrapolará sua auto-estima e suas inter-relações, promovendo assim seu desenvolvimento sócio-afetivo. Podemos também inferir, que o exercício de movimento pode contribuir para o desenvolvimento da estrutura funcional do corpo da criança, onde o mesmo, representado por jogos e brincadeiras adequados ao respectivo estágio de desenvolvimento, contribuirá para aquisições como *condição física e crescimento*.

Os autores que defendem um processo educativo que considere a educação do movimento, não discordam que pelo movimento se possa promover qualitativamente o homem, porém, acreditam que para isto acontecer, haverá a necessidade do homem dominar níveis básicos de movimentos, para a partir daí, se valer deles para aquisições mais elaboradas. Eles reforçam tal afirmação, fundamentados em que nem todas as crianças, dados as relativas faltas de oportunidades do meio estimulativo, apresentam

um domínio de habilidades motoras básicas ou específicas do ser humano. Neste caso, compreendem como sendo necessário um programa educacional que proporcione, de forma adequada e sistematizada, experiências motoras nas crianças e que possam servir de base para a obtenção de outras habilidades, que com certeza, refletirão no seu processo formativo.

Para falarmos de como se educa o movimento do homem, será preciso num primeiro momento, entendermos o mesmo sob a ótica de suas características mais observáveis e não observáveis. De maneira geral o compreendemos como uma alteração de um segmento do corpo ou de todo o corpo, num padrão espaço-temporal de contrações musculares. Mas o movimento também é resultado de uma série de mecanismos internos, comandados por estruturas neurais e/ou processos psicológicos.

Na nossa vida, estamos constantemente construindo um série de movimentos para lidar-mos com problemas motores que vão surgindo. Nos valemos também, de movimentos comumente utilizados, específicos dos seres humanos (como andar, correr, saltar...etc) que se processaram no decorrer de nossa história de vida. Chamamos este trato e a construção do movimento pelo homem, de um processo, que se enfatizado, sob a ótica dos aspectos cognitivos, sociais e/ou afetivos, denominar-se-á Desenvolvimento Psicomotor. Não obstante, para podermos compreender melhor a forma pela qual as ações motoras, se constituem como elementos promovedores do potencial de aquisição e desenvolvimento de uma habilidade de movimento, direcionaremos o estudo, de forma a que se considere os aspectos de desenvolvimento motor enfatizados na

manifestação do movimento físico, embora consideremos a relação do mesmo com os aspectos cognitivos, afetivos e/ou sociais.

No Estudo do desenvolvimento motor, o referencial de saída se apresenta na constatação do que muda na aquisição de movimentos no comportamento motor, e a partir daí, estudar os processos qualitativos e quantitativos desta mudança, no sentido de perceber suas características, seqüências, como a aprendizagem se constituiu...etc.

Quando falamos em mudança, devemos ter claro que esta mudança é inerente a qualquer organismo vital. Como exemplo podemos citar que nossas funções orgânicas que estão constantemente em equilíbrio dinâmico, configurado num metabolismo que constantemente sintetiza substâncias e degrada outras, numa dinâmica extremamente necessária para a manutenção da vida. No desenvolvimento motor do indivíduo estas mudanças podem manifestar diferentes processos, podemos citar as mudanças decorrentes de um período de exercício com vistas ao alcance de determinado objetivo(**aprendizagem**); podemos considerar as mudanças decorrentes da maturação e experiências adquiridas durante a vida da pessoa(**ontogênese**) e também das mudanças decorrentes dos mecanismos de mutação, caracterizados pela seleção natural e evolução das espécies no decorrer dos tempos(**filogênese**). Mas de maneira geral, podemos entender as mudanças influenciativas do desenvolvimento motor, oriundas da maturação neurológica e mudanças biomecânicas ocasionadas pelo crescimento físico, além da aquisição e reorganização das estruturas cognitivas ocasionadas pelo desenvolvimento cognitivo.

As mudanças decorrentes da variabilidade dos níveis

de desenvolvimento motor, levou muitos estudiosos do comportamento infantil a formularem teorias sobre uma seqüência de consecução de habilidades motoras. Muitos autores se fundamentaram em observações nas mudanças no eixo temporal da vida das crianças, quando concluíram que além destas mudanças se apresentarem numa direção céfalo-caudal, onde o domínio dos movimentos vão se manifestar primeiro num sentido que vai da cabeça para os pés, e próximo-distal onde os mesmos se apresentariam no sentido do centro para as extremidades(SHIRLEY[1931] *apud* TANI et.al. [1988:66] **sobre a seqüência de desenvolvimento da posição erécta e início do andar**), elas caminhavam na direção de uma maior eficiência na execução do movimento, com níveis crescentes de organização e coerência entre as mudanças, demonstrando haver uma *seqüência organizada* destas mudanças(SEEFELDT[1980]; PANGRAZZI[1981] *apud* GALLARDO[1993]-**anexo I**-). Podemos compreender esta seqüência organizada dos níveis de habilidades motoras como *hierárquica* na medida em que, nenhuma criança começa a se movimentar a partir de níveis complexos de movimento, ela há de partir dos movimentos reflexos, para a partir daí com o aprendizado, chegar a níveis mais elaborados de movimentação. Se entendermos estes movimentos reflexos, como originários do desenvolvimento filogenético, perceberemos que as influências oriundas do meio(ontogenia) nos impossibilita de criarmos um modelo teórico de pesquisa de desenvolvimento das habilidades motoras que atenda a todas as individualidades orgânicas no sentido de caracterizarmos sua velocidade de progressão, pois quanto mais subimos na escala filogenética, maior é o papel das experiências

do meio no nosso desenvolvimento. Logo, concluímos que a sequência do desenvolvimento das habilidades motoras é variável em sua progressão, mas invariável em sua ordem. Enquanto a ordem das atividades que o indivíduo domina é mais influenciável pela maturação, o grau em que estas atividades são incorporadas dependerão mais das experiências.

Uma outra conclusão muito importante chegada pelos autores que estudaram a seqüência na obtenção de habilidades motoras, está no fato de que existe uma interdependência entre as mudanças, daí surgir a afirmação de habilidades que são básicas, pois são o alicerce para que toda aquisição posterior seja possível e mais efetiva(DE GESELL & AMATRUDA[1947] *apud* TANI et. al.[1988:66]).

As habilidades motoras são classificadas em cinco grupos estruturados conforme a figura 1.

Nas habilidades motoras do grupo I, os **movimentos reflexos** se manifestam até aproximadamente os quatro meses de idade, a partir daí, desaparecem ou são incorporados aos movimentos voluntários. Estes movimentos podem ser classificados de acordo com a sua função futura em:

a)- movimentos reflexos que darão origem à manipulação.

(*)- reflexo de busca ou oral

b)- movimentos reflexos que darão origem à locomoção.

(*)- reflexo do moro

(*)- reflexo tônico cervical das extremidades

(*)- reflexo labiríntico de indireitamento

(*)- reflexo da marcha

(*)- reflexo de rastejar

(*)- reflexo de natação

HABILIDADES MOTORAS		
GRUPO I	de acordo com a sequência de desenvolvimento motor.	- Movimentos Reflexos. - Habilidades Específicas do Ser Humano. - Habilidades Culturalmente Determinadas.
GRUPO II	de acordo com a precisão do movimento.	- Habilidades Motoras Globais ou Grossas. - Habilidades Motoras Finas.
GRUPO III	de acordo com a forma de sua execução.	- Habilidades Discretas. - Habilidades Seriadas. - Habilidades Contínuas.
GRUPO IV	de acordo com o tipo de ambiente onde são executadas.	- Habilidades Abertas. - Habilidades Fechadas.
GRUPO V	de acordo com a utilização de informações (FEED-BACK): retroalimentação e /ou conhecimento de resultados.	- Habilidades de Circuito Aberto. - Habilidades de Circuito Fechado.

* FIGURA 1: Classificação das Habilidades Motoras

As habilidades específicas do ser humano, são aquelas que são expressadas por todas as pessoas em diferentes lugares e diferentes culturas, muitos a denominam **habilidades fundamentais** (que posteriormente explicitaremos melhor) e compreendem a base para a aquisição de habilidades culturalmente determinadas; devem ser incorporadas ao repertório motor da criança até por volta dos sete anos. Como exemplo de habilidades

específicas do ser humanos temos:

- a)- Habilidades de manipulação simples como *empurrar, puxar, carregar ou transportar.*
- b)- Habilidades de locomoção como *rastejamento -ventral, dorsal e lateral; gatinho, sentado; quadrupedia - ventral e dorsal e bípedia.*

Em relação ao que chamamos de **habilidades culturalmente determinadas**, a compreendemos como pertencentes ao patrimônio cultural de determinado grupo social. São habilidades que incluem utilização de utensílios e aparelhos(*manipular talheres, escrever, andar de bicicleta...etc*); atividades típicas de expressão corporal de grupo(*danças, atividades religiosas...etc*).

No Grupo II, compreendemos **habilidades globais ou grossas** como aquelas que se utilizam de grandes grupos musculares. Estas habilidades motoras são as mais utilizadas em jogos, brincadeiras e esportes onde a precisão do movimento não é tão importante;(Ex: *saltar, correr, trepar...etc*). As **habilidades motoras finas**, já requerem a utilização e controle de pequenos grupos musculares, envolvendo geralmente o controle das mãos e dedos coordenados com a visão(coordenação óculo-manual);[Ex: *escrever, desenhar, encaixar e pegar objetos pequenos com as pontas dos dedos, tocar piano...etc*].

O grupo III se estrutura em função do término e início da habilidade. As **habilidades motoras discretas** são aquelas que possuem diferenciações entre o seus pontos de início e seus pontos de término. Caracterizam-se também, por serem geralmente de curta duração e cumprirem objetivos específicos e rápido de ação;(Ex: *arremessar uma bola, acionar um interruptor de luz, tocar uma tecla de piano...etc*. As **habilidades motoras seriadas** combinam

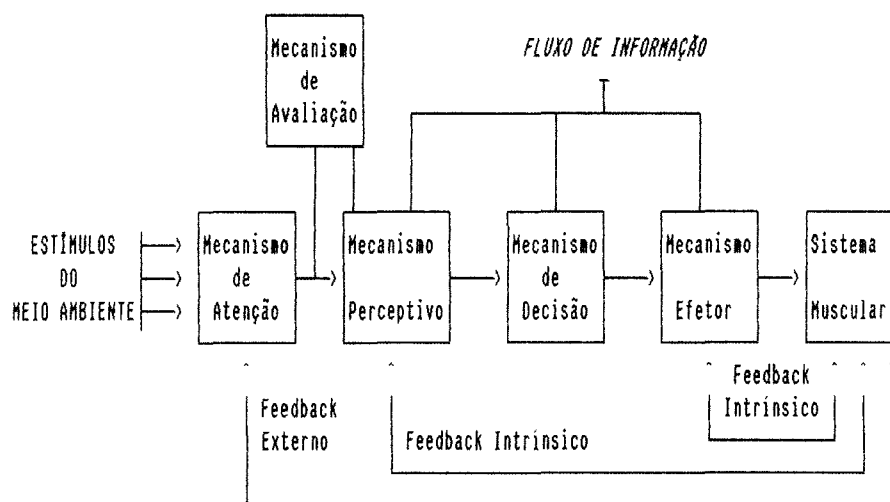
um conjunto de habilidades discretas com objetivo de se cumprir determinada tarefa. Elas possuem uma duração de tempo maior e obedecem uma ordem e seqüência definidas. Constituem as habilidades mais comumente utilizadas nos jogos e brincadeiras. As **habilidades motoras contínuas**, também denominadas de **cíclicas**, não apresentam um começo e um fim definidos, cabendo ao próprio executante a determinação do seu final;(Ex: *caminhar, andar de bicicleta, acompanhar um ponto no visor de um radar...etc.*

As habilidades do grupo IV, são classificadas de acordo com a estabilidade do ambiente onde são executadas. Definimos **habilidades motoras fechadas** como aquelas executadas por iniciativa do próprio executante. Já as **habilidades motoras abertas** compreendem habilidades oriundas de um determinado estímulo do meio ambiente social ou físico.

Nas habilidades motoras do grupo V, verificamos sua classificação de acordo com a utilização de informações sensoriais resultantes da execução de uma habilidade motora para o aperfeiçoamento de execuções posteriores da mesma habilidade(MAGIL,[1984] *apud* GALLARDO,[1993:32]). Elas podem ser classificadas em habilidades motoras de circuito aberto e fechado.

As **habilidades motoras de circuito fechado** se constituem como aquelas em que durante a execução do movimento, poderemos com informações ir corrigindo sua execução. Elas geralmente se caracterizam por serem lentas e reconduzidas a partir do referencial das experiências anteriores;(Ex: *levar uma colherada de alimento à boca; conduzir um veículo(triciclo, bicicleta ou carro) e alcançar ou pegar um objeto...etc.* Já as

habilidades motoras de circuito aberto, acontecem de forma muito rápida, dificultando a correção do movimento durante a execução. Neste caso há a necessidade de uma ou mais tentativas, para só a partir daí com os resultados da execuções, proceder com ajustes necessários. Para esclarecer melhor, podemos pegar o exemplo de GALLARDO(1993): temos o lançamento de um objeto ao alvo(*mecanismo perceptivo*), uma vez tomada uma decisão de como e quando lançá-lo(*mecanismo de decisão*), o executante terá de reagir com rapidez(*mecanismo efetor*), não possuindo tempo para ajustes durante a execução. Esta utilização de informações pelo proprio executante na execução de habilidades motoras, denominamos *feedback intrínstico*, e a execução de habilidades motoras mediante informações de outra pessoas, denominamos *feedback externo*, conforme modelo adaptado de MARTENIUK *apud* TANI et.al.(1988:10):



2.2.1- O MODELO TEÓRICO DO DESENVOLVIMENTO MOTOR.

Vimos até aqui como se desenvolvem as habilidades motoras no homem. Percebemos que estas habilidades se apresentam como principal referencial do processo de desenvolvimento motor e que este processo se revela através das mudanças de comportamento motor.

Dos autores que estudaram o processo de desenvolvimento motor do indivíduo, DAVID L. GALLAHUE foi o que mais se empenhou em construir um modelo teórico, que não só desse conta de um processo de desenvolvimento motor aliado ao esporte, como também um modelo teórico que fosse referencial de sistematização dos conteúdos escolares para um programa de Educação Física. Segundo o autor o processo de desenvolvimento motor do indivíduo pode ser visto através do desenvolvimento progressivo das capacidades físicas e habilidades motoras(figura 2). Ele parte do referencial do comportamento motor observável na criança e divide os movimentos em categorias definidas como **ESTABILIZAÇÃO** (movimentos em que algum grau de equilíbrio é solicitado [*flexionar, estender...etc*]); **LOCOMOÇÃO** (movimentos que envolvem a mudança na localização do corpo no espaço [*caminhar, saltar, correr...etc*]) e **MANIPULAÇÃO** (referindo-se às manipulações motoras grossas [*lançar, receber, chutar...etc*]). No que se refere as capacidades físicas, o autor considera que as mesmas se constituem como excelente fator observativo no comportamento motor do indivíduo, uma vez que tais observações, baseadas em fatores biológicos e ambientais, pressupõem alterações de movimento no âmbito da performance.

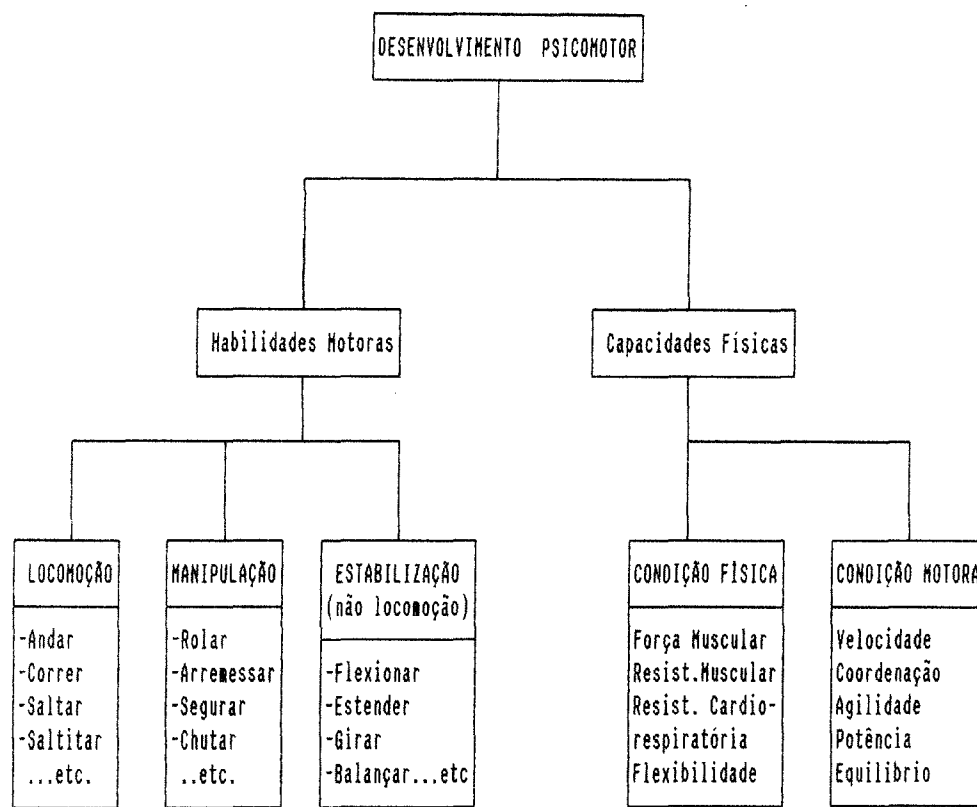


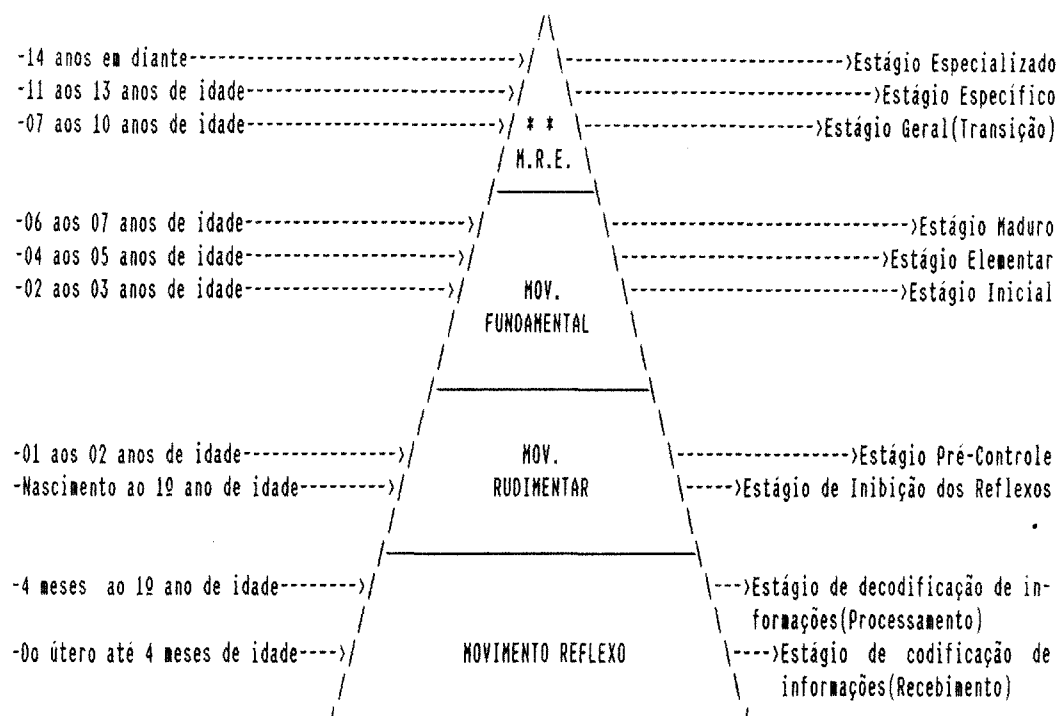
FIGURA 2- O Desenvolvimento Psicomotor segundo GALLAHUE(1991)

Com bases em estudos nas diferentes fases do desenvolvimento infantil, GALLAHUE sugere um modelo explicitado na figura 3, que compreende 4 fases(explicitadas a seguir) no processo de desenvolvimento motor, aliado às respectivas faixas etárias e estágios de desenvolvimento.

FASE DOS MOVIMENTOS REFLEXOS

Movimentos reflexos são os primeiros movimentos do homem. Se manifestam involutariamente através das informações ob-

FIGURA 3- AS FASES DO DESENVOLVIMENTO MOTOR(GALLAHUE, 1991)



(*)---> Movimentos relacionados ao Esporte

tidas do meio externo via movimentos involuntários, aliados ao aumento cortical dos primeiros meses de vida. Estes movimentos desempenham um papel importante no processo de aprendizagem do indivíduo, pois saindo das atividades involuntários, o mesmo obterá informações iniciais sobre si, seu corpo e o mundo a seu redor. Podemos dividir a fase de movimento reflexo em 2 estágios:

a) - ESTÁGIO DE CODIFICAÇÃO DE INFORMAÇÕES: também chamado de estágio de recebimento. Ele se manifesta aproximadamente do *útero até os 4 meses de vida*. Se caracteriza por um estágio, onde os centros inferiores do cérebro estão mais desenvolvidos que o córtex motor, causando reações involuntárias e uma variedade de estímulos de diferentes intensidades e duração. Como exemplo de

movimentos reflexos desta fase, citamos *busca, sucção, preensão palmar, tônico do pescoço...*etc.

b)- ESTÁGIO DE DECODIFICAÇÃO DE INFORMAÇÕES: também denominado de estágio de processamento. Inicia aproximadamente por volta do 4º mês. Nesta fase a criança começa a se desenvolver, pois os centros superiores do cérebro já começam a superar os centros inferiores, dominando o controle dos músculos esqueléticos precursores das atividades motoras voluntárias. Neste estágio a atividade sensório-motora é substituído pelo comportamento perceptivo-motor, face ao armazenamento de informações e processamento de estímulos sensoriais do meio. São exemplos desta fase de movimentos reflexos, *Moro, preensão plantar, susto...*etc.

FASE DE MOVIMENTOS RUDIMENTARES

Esta fase se constitui como a 1ª fase em que criança expressa os movimentos voluntários. Estes movimentos são identificados até por volta dos 2 anos e são determinados pela maturação. Como se constituem em formas básicas de movimentações solicitadas pela vida, pressupõe-se possibilidades de se estabelecer uma sequência predizível desses movimentos, mesmo que reconheçamos a variabilidade de criança para criança e a influência dos fatores biológicos e ambientais.

a)- ESTÁGIO DE INIBIÇÃO REFLEXA: tem seu início no

nascimento do indivíduo e constitui a expressão dos movimentos involuntários. Eles aparecem de forma incontrolada e não refinada.

b)- ESTÁGIO PRÉ-CONTROLE: acontece por volta do 1º ano de vida do indivíduo. Nesta fase ela começa a ter maior controle e precisão dos movimentos, passando a se utilizar melhor da percepção nas informações motoras. Devido ao desenvolvimento dos processos cognitivos, a criança nesta fase absorve muito mais rápido algumas habilidades rudimentares(*equilíbrio, manipulação de objetos, locomoção...etc*). Nesta fase é que se tem conseguido identificar os principais elementos interpretativos do processo de maturação.

FASE DE MOVIMENTOS FUNDAMENTAIS

De maneira geral compreendemos a fase de movimentos fundamentais como um prolongamento aperfeiçoado da fase de movimentos rudimentares. Ela se apresenta na criança, aproximadamente entre 2 e 7 anos e se caracteriza basicamente por uma fase em que a mesma explora e experimenta suas capacidades motoras. A criança desta fase de desenvolvimento se preocupa em descobrir os mais variados tipos de movimentos(*locomoção, manipulação e estabilização*), vivenciando primeiro de forma isolada cada tipo, e depois combinando um com outro.

a)- ESTÁGIO INICIAL: de 2 a 3 anos aproximadamente. Constitui um momento em que a criança, por estar descobrindo seu corpo, não apresenta boa coordenação e fluidêz rítmica do

movimento. Este movimento se apresenta desprovido de uma continuidade de seqüência, características estas, decorrentes da falta de integração espacial e temporal por parte do indivíduo.

b)- ESTÁGIO ELEMENTAR: Neste estágio a criança de 3 a 4 anos aproximadamente, já apresenta melhorias em relação a coordenação e ritmo de alguns movimentos específicos do ser humano. Os elementos espaciais e temporais do movimento são melhores integrados, apesar dos mesmos se apresentarem de maneira restrita ou exagerada.

c)- ESTÁGIO MADURO: manifestado por volta dos 5 a 7 anos, já apresenta uma criança eficiente, em relação a execução de movimentos. Possui boa coordenação e performance controlada. Neste estágio, o autor compreende que todas as crianças devam estar maduras em relação ao domínio de habilidades básicas.

FASE DO MOVIMENTO RELACIONADO COM O ESPORTE

Esta fase de desenvolvimento motor compreende um aperfeiçoamento das habilidades fundamentais. As habilidades nesta fase se apresentam refinadas, combinadas e elaboradas sempre no referencial das habilidades anteriores. Os movimentos de saltitar e saltar, agora se aplicam nas atividades de saltar corda, fundamentos de salto triplo, danças...etc. Muitos são os fatores que interferem no começo e na extensão destas habilidades, pois o indivíduo já terá minimamente desenvolvido seu repertório motor e vivendo num nível maior de sociabilização. Estes são alguns dos

fatores que podem interferir no desenvolvimento desta fase: *pressão familiar, equilíbrio emocional, composição corporal, vestimentas...etc.*

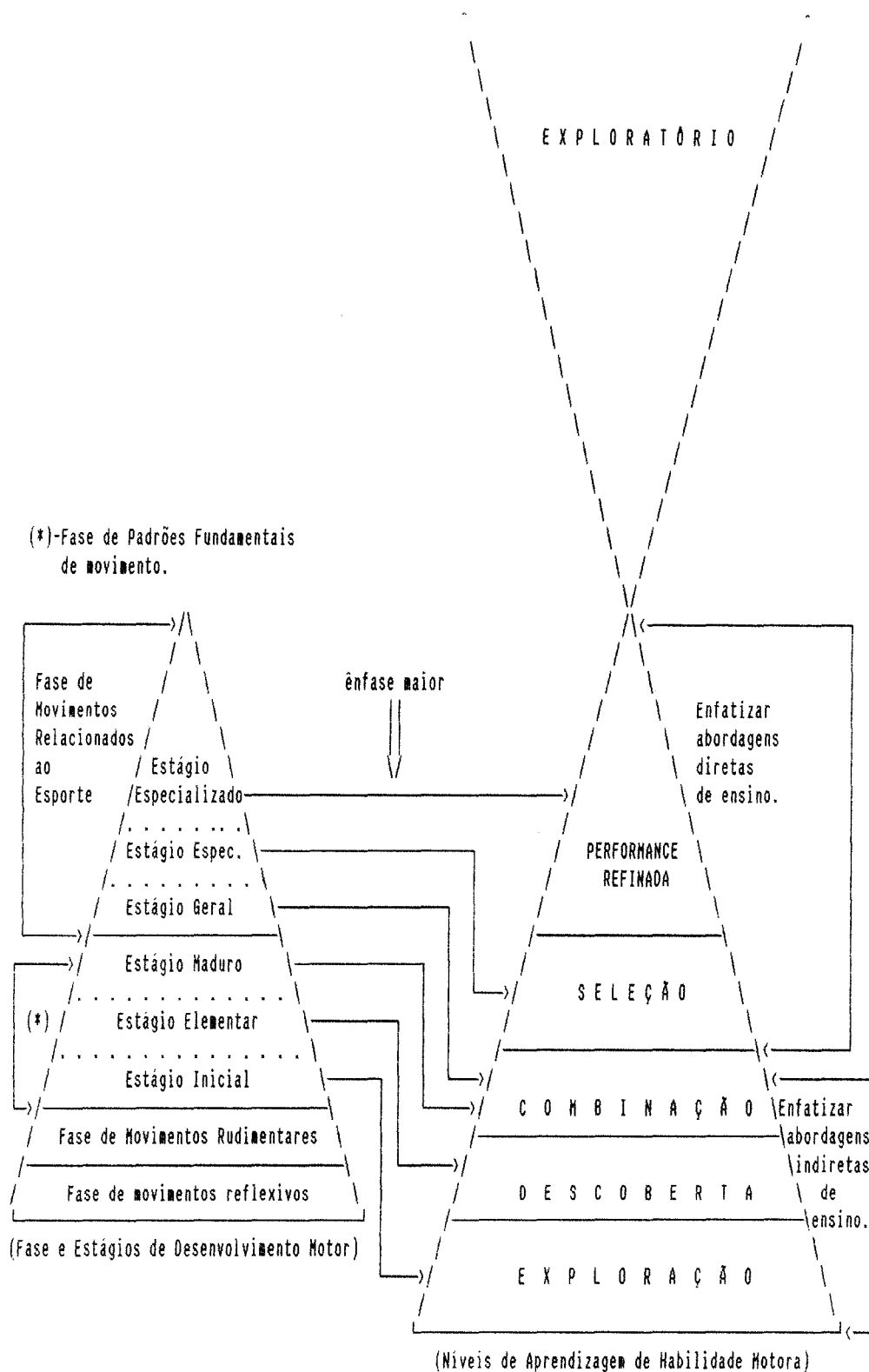
a)- ESTÁGIO GERAL OU TRANSITÓRIO: entre 7 a 10 anos aproximadamente. Estágio em que o indivíduo começará a combinar e aplicar Habilidades motoras fundamentais, com vistas à performance de habilidades motoras ligadas ao esporte.

b)- ESTÁGIO DE HABILIDADES MOTORAS ESPECÍFICAS: neste estágio, por volta aproximadamente dos 11 aos 13 anos, o indivíduo começa a manifestar interesses que determinam uma concentração em atividades mais complexas. Seu interesse se volta para assimilação de estratégias e regras, perfazendo uma necessidade de busca da precisão no gesto motor do esporte escolhido.

c)- ESTÁGIO DE HABILIDADES MOTORAS ESPECIALIZADAS: começa por volta dos 14 anos e segue até a idade adulta. Neste estágio o indivíduo direcionará especializações de número limitado de atividades motoras, com vistas à precisão refinada de habilidades selecionadas. Fatores como *condição física, motivação, oportunidades e talento individual* são os que mais afetam o desenvolvimento deste estágio.

A preocupação de GALLAHUE, quando elaborou este modelo teórico, também foi o de propiciar um desenvolvimento sistematizado da aprendizagem, por níveis de habilidades motoras para o esporte. Para isto propôs uma seqüência(figura 4), enfatizando as abordagens de ensino, que retrata a forma pela qual

(FIGURA 4)- Interação entre as fases de desenvolvimento motor e níveis de Aprendizagem de habilidade motora (GALLAHUE apud GALLARDO[1993]) - ADAPTADO-



se deva adequar os conteúdos, respeitando as limitações decorrentes do estágio de desenvolvimento em que o indivíduo se encontra.

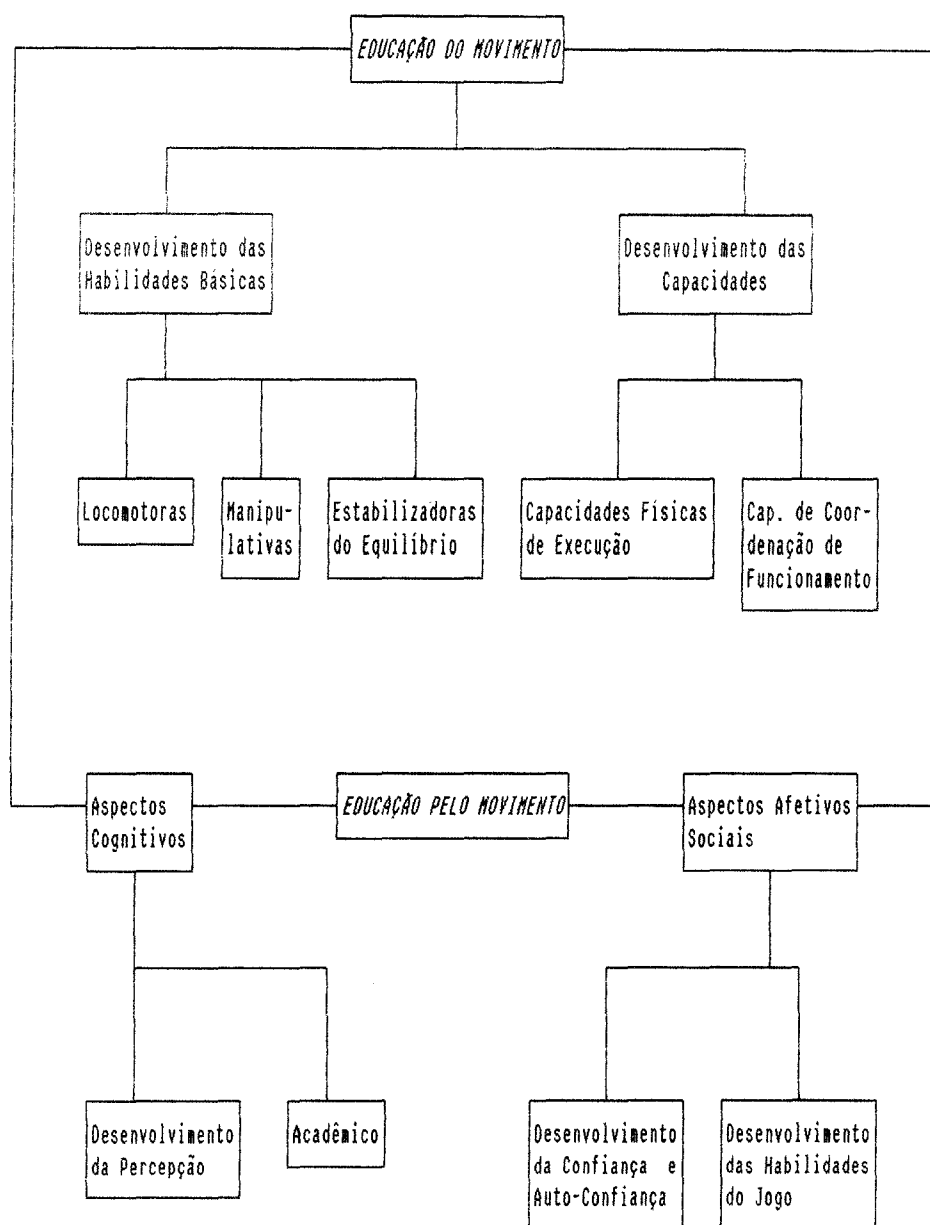
2.2.2- UMA EDUCAÇÃO DO(E PELO) MOVIMENTO.

Vimos até aqui duas orientações que determinam visões a cerca do papel da Educação Física nos esportes e na escola. Pois bem, quando se discute uma Educação pelo movimento e do movimento, trata-se do assunto com um pré-conceito de que a afirmação de um advoga a exclusão do outro, como se um negasse o outro. Para mim, tenho claro de que negar alguma coisa pressupõe a existência do que foi negado, neste caso, seria estupidez afirmar de que existe(ou não existe) uma Educação do(ou pelo) movimento. Ambas existem, e isto fica claro quando seguindo a mesma linha de raciocínio, nos valem da análise de BETTI(1992) que num estudo desta dicotomia, concluiu que tanto a educação pelo movimento quanto a educação do movimento se relacionam dialeticamente dentro do âmbito da cultura física, ou seja, um é determinante e ao mesmo tempo determinado pelo outro não podendo ser compartimentalizados nem hierarquizados, salvo é claro, sob ponto de vista operacional, onde os conteúdos de aprendizagem poderiam se relacionar a um objetivo específico da aula de Educação Física.

O Homem, dado a sua infinita capacidade de se autopromover, pode desenvolver movimentos mais qualificados, quer seja por sistematizações orientadas na escola ou no clube, quer seja pelas próprias imposições que meio o ambiente infringe; também pode se utilizar destes movimentos construídos num

determinado contexto, para aquisições mais elaboradas como o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, motores e socio-afetivos(FREIRE,1989:84).

GALLAHUE *Apud* GALLARDO(1993) quando se refere à mescla de métodos diretivos e não diretivos no processo



-FIGURA 5- Inter-relação da Educação do Movimento e uma Educação pelo movimento(GALLAHUE *apud* GALLARDO,1993)

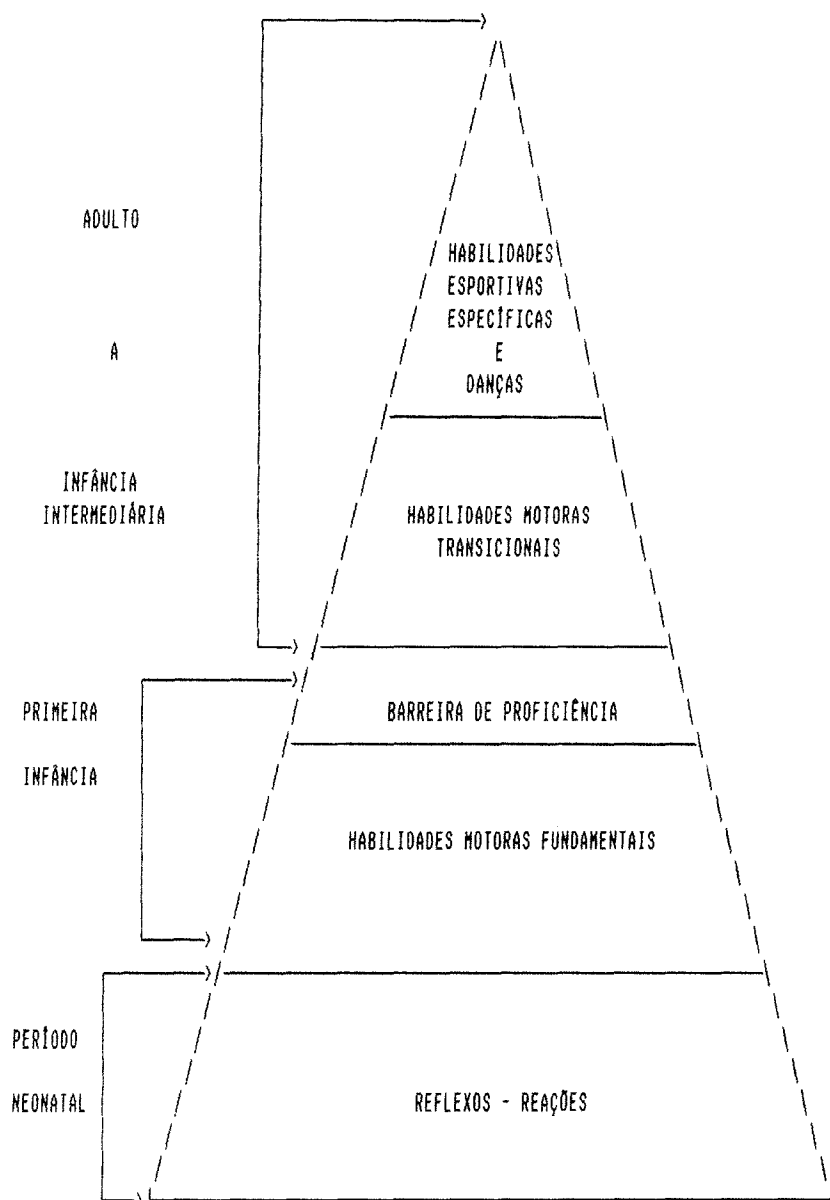
de ensino-aprendizagem, também explicita a importância da inter-relação de uma Educação do e pelo movimento(figura 5), propiciando ao professor de Educação Física, possibilidades pedagógicas para fins de adequação didática à sua realidade de turma.

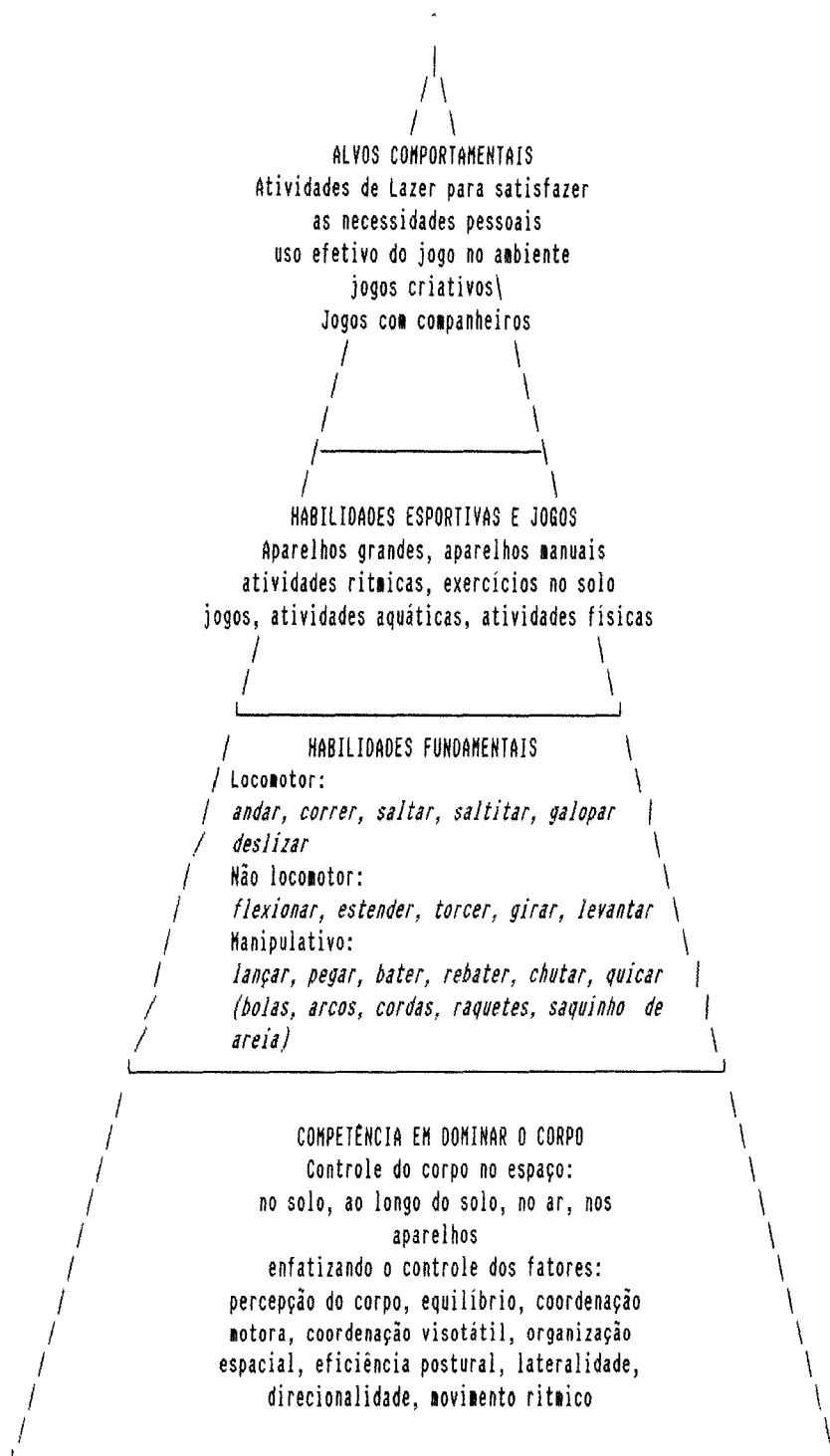
Temos claro que o homem humaniza-se pelo, e através do movimento. Não devemos então propiciar uma educação em que movimento se constitua como objetivo terminal do trabalho. Ele é e sempre será processo para obtenção de uma série aquisições qualitativas no homem. Tratá-lo de forma mecânica e principalmente acritica, propiciará a perda total do carácter humanizante do trabalho do professor de Educação Física.

2.2.3-ANEXOS I

.LS1

Hierarquia dos 4 Níveis de Habilidade Motora(SEEFFELDT,1980)





Contínuo desenvolvimento das habilidades fundamentais(PANGRAZZI, 1981)

2.3-ASPECTOS AFETIVOS(E SOCIAIS).

Quando falamos em afetividade, muitos entendem que o termo citado se refere a sentimentos ou emoções, quase sempre vinculados a individualidade da pessoa, fruto talvez, do entendimento de que estas manifestações humanas se apresentam na perspectiva íntima e diferenciada de pessoa para pessoa, característica de um processo que reflete o seu interior. Para mim, tenho claro que o processo afetivo envolve relações pessoais e interpessoais, na medida em que sentimentos pessoais como auto-conceito e auto-valor, se estruturam no âmbito das relações sociais onde a ação, a reação e interação se constituam como elementos determinantes.

A criança desde muito cedo demonstra nos seus atos, elementos determinantes de certos comportamentos sociais. Isto fica evidenciado quando constatamos nas ações lúdicas da criança(o brincar!) uma representação do mundo do adulto(jogos sociais). Como dissemos a pouco no primeiro sub-capítulo, a interação é o cerne do desenvolvimento da criança, e isto pressupõe trocas no campo afetivo tanto com o homem, quanto com o objeto que o rodeia, nesta premissa, é na construção de *regras sociais* e *valores morais*, que a criança poderá se sentir afetiva e socialmente mais independente.

Piaget, no seu estudo sobre o julgamento moral da criança, detectou com um estudo a cerca das regras no jogos, de quatro estágios evolutivos na construção de regras sociais e dois níveis de estágio moral da criança: *Moral Heterônoma* e *Moral Autônoma*. Os estágios evolutivos na construção do jogo e que

envolve interação social são respectivamente: Consciência da Regularidade, onde a criança repete um comportamento de forma sistemática e pormenorizada. Neste 1º estágio, também denominado *Motor e Individual(0 a 2 anos)*, a criança se utiliza da manipulação de objetos, centralizados em suas próprias necessidades e anseios motores, configurando o jogo de forma individual; Consciência da Obrigação/Obediência, fase da submissão à regra imposta pelo adulto. Aqui a criança é caracterizada pelo *Egocentrismo(2 a 6-7 anos)*, imita a regra do exterior, brincando cada uma por si, sem se preocupar com a incorporação e significação da regra no jogo; Consciência da Regra, onde a mesma é vista com respeito, desde que construída reciprocamente. Este estágio é configurado por duas fases: *Cooperação(6-7 a 11-12 anos)*, que consiste num momento da criança, em que a mesma entende a necessidade da regra[**que pode ser modificada desde que a mudança surja em grupo**] para o transcorrer do jogo ; a outra fase, *Codificação de Regra(11-12 anos até a fase adulta)*, se estrutura mediante a construção da fase anterior, onde agora, a regra será concebida em função da interação e cooperação entre os elementos do grupo. Discute os aspectos jurídicos da construção das regras.

A construção dos estágios morais é similar a construção das regras do jogo, ocorrendo uma submissão total num primeiro momento, para depois proceder com níveis mais altos e ligados a construção. Piaget define dois níveis de moralidade, o primeiro constitui a Moral Heterônoma, que seria a instituição da moral do dever, da autoridade e da obediência, onde a criança é levada a confundir o que é justo com a imposição do adulto,

aceitando inclusive, sanções provenientes da desobediência. A justiça determinante da avaliação de atos de obediência e desobediência, se estruturam em duas vertentes: a *Justiça Imanente*, onde as sanções são tidas como automáticas, acreditando que elas emanam de Deus sob forma de castigo; e a segunda vertente, *Justiça Retributiva*, definida pela proporcionalidade entre o ato e a punição a ser aplicada. A mesma é dividida por dois níveis de sanção, que podem ser originados pela necessidade individual de retribuir a ofensa e pela necessidade de cooperação em grupo, são elas a **Sanção Expiatória**, onde não se verifica nenhuma relação entre o ato e a punição. O sofrimento imposto é de origem física tais como surra, castigo, retirada de alimento...etc e a **Sanção por Reciprocidade**, caracterizada por uma relação entre o ato e a punição, meio pelo qual, se faz compreender as conseqüências do ato cometido. Já o segundo nível de moralidade definido por Piaget, caracterizado como Moral Autônoma, constitui-se pela moral do respeito-mútuo, construída por intermédio das relações de igualdade, onde as regras são construídas em conjunto. A *Justiça Distributiva*, emanada da moralidade da autonomia, é caracterizada pela igualdade, sem a efetiva "lição de moral", mas mediante a compreensão do motivo que levou à infração, construindo assim conceitos morais e a conscientização da necessidade dos mesmos.

Verificamos até aqui que no desenvolvimento da moralidade é praticamente impossível evitar sanções, mas ao mesmo tempo que elas são inevitáveis, alguns meios são mais favoráveis à construção de regras morais; de qualquer maneira é preciso ficar claro que a criança somente ultrapassará o nível de sanção

expiatória para um nível de sanção por reciprocidade quando conviver num ambiente em que predomine igualdade e cooperação (cooperar ou operar juntos para o mesmo fim). As sanções por reciprocidade proporciona que o infrator compreenda o por quê do rompimento com elo de solidariedade do grupo.

As crianças passam obrigatoriamente no início por uma heteronímia, mas conforme crescem se tornam autônomas. Esta autonomia originada da cooperação compreende conflitos e discussão, principalmente pelas crianças serem diferentes, mas é preciso distinguir que o exercício cooperativo propiciará à criança a construção de conclusões por descentração, ou seja, concluir também na referência dos pontos de vista de outras crianças. Quando uma criança consegue descentrar, ela terá concluído um longo caminho na direção da autonomia, aprendendo a conhecer-se e encarregar-se de si mesma; estará mais apta a conviver com as dificuldades com o meio, aceitando-as ou recusando-as e isto influenciará no seus aspectos emocionais, devido ao conseqüente desenvolvimento de um forte sentido de si mesma.

I I I

Elementos norteadores

da

Proposta

Quero considerar a criança como principal elemento norteador desta proposta. Faço isto por considerar que a infância se constitui como o momento de maior experiência sensível no desenvolvimento do homem. Isto pôde ser comprovado, quando verificamos nos estudos dos capítulos anteriores, que os autores que tratam a questão do desenvolvimento humano, referenciam suas pesquisas na análise do comportamento infantil.

Várias são as abordagens que se podem arguir na análise da infância. FREIRE(1992) por exemplo, nos coloca que somos a única raça, dentre outras raças de animais, que necessita **construir o conhecimento**. Os animais já nascem com quase tudo aprendido. Sabem o que tem de comer, quando voar, o que caçar, onde se abrigar...etc. O mesmo autor, num estudo muito interessante sobre a "necessidade da infância", afirma que se natureza não constituiu ao homem, o mesmo conhecimento explicitado em outros animais, por outro lado, ela nos delegou a infância como meio específico de superação das dificuldades. Este segundo meio superativo das "ineficiências" do homem constituiria uma 2ª natureza.

Dos fatores que mais influenciam a natureza do homem, a cultura obtém um lugar de destaque. Vimos em estudos anteriores, que a mesma proporciona à criança um patrimônio incomensurável de informações, oriundas de conhecimentos construídos por nossos antepassados; porém ela pode ser criada e recriada pela mesma, desde que o seu exercício relacional e dialogal com o mundo em sua volta, se estruture como o referencial do seu processo humanístico.

Parece-nos que esta natureza brindou o homem com recursos especiais, que o fizeram se diferenciar dos animais. Que recursos seriam estes? Temos claro que esta não é uma resposta fácil, dado as infindáveis possibilidades de humanização do homem, mas o fato de compormos o biológico, o cultural, o social, o afetivo, o sexual, dentre outras manifestações da humanidade, nos denota um caráter intradutível, sob ponto de vista da possibilidade de nos conhecermos; porem será preciso esclarecer que esta intradutibilidade, não inviabiliza a percepção de que a infância se constitua num fase da maior importância à incorporação de estruturas básicas edificadoras de outras estruturas mais complexas.

A principal questão a ser colocada neste texto, seria o de tentar compreender a melhor maneira de procedermos com um ensino, que considere a infância, suas ansiedades, sua inquietude intelectual, seus sonhos...etc. MORAIS(1986), quando escreveu sobre o ato de ensinar, elegeu o *conflito*, como principal elemento perpetuador da aprendizagem; disse ainda que o choque, explicitado no conflito de idéias, comportamentos, interesses...etc, deveria ser conduzido pelo educador na dinâmica do processo de ensino(e aí está a importância da função do professor) com o cuidado de se respeitar os limites emocionais e intelectuais do aluno naquele momento de sua existência. Pois bem, considerar a criança e seu desenvolvimento, é conduzi-la num processo de aquisição de conhecimento, onde o mesmo se apresente na perspectiva do respeito a suas limitações e necessidades de construção. Será importante estimular a criança a conhecer o mundo ao seu redor; sondando-o, imitando-o, questionando-o...enfim,

explorando-o com a liberdade de poder criá-lo a sua maneira e a luz de suas necessidades. Para isto, devemos considerar o conhecimento já armazenado pela história de vida da criança; depois partir deste referencial, afim de podermos propiciar uma real aquisição de conhecimento. Como exemplo, podemos citar o fato que em desenvolvimento cognitivo, quando se ensina prematuramente a uma criança, algo que ela mesma poderia descobrir por conta própria, estaremos a impedindo de compreender totalmente o que foi ensinado. A criança detém alguns conhecimentos básicos que servirão de estrutura para a aquisição de conhecimentos mais complexos. Sabemos também, que no nível sócio-afetivo, a criança virá de relações explicitadas num círculo restrito de relações; exercitar a relação com outras pessoas, e em especial com crianças da mesma faixa, poderá proporcionar a mesma o desenvolvimento coordenativo e descentrativo. E mesmo no que se refere ao desenvolvimento psicomotor, a perspectiva de um trabalho com métodos indiretos de ensino, na referência da bagagem motora já construída anteriormente e com a exploração, a vivência lúdica e a variabilidade de experiências motoras, respeitando os níveis de desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança, poderá contribuir para uma real ampliação de seu repertório motor.

Ensinar a partir do referencial da criança, constitui uma tarefa muito difícil. Talvez o professor tenha que enveredrar pelo caminho do universo infantil, brincando, jogando...enfim, se transformando em criança, para assim compreender o seu real significado.

3.1- A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS OU BRINCADEIRAS.

Quando falamos em jogos ou brincadeiras, é preciso ter clareza que os termos ora empreendidos, se constituem na mesma coisa. A brincadeira e o jogo são sinônimos em diversas línguas; seus significados praticamente se estruturam sob um mesmo fim, enquanto manifestação culturalmente transmitidas. Embora reconheçamos, que no caso do jogo, o mesmo possa implicar a existência de regras, além da caracterização de ganhadores e perdedores, é nas suas variabilidades de ação, interação e inter-relação, que constatamos as nuances do desenvolvimento infantil.

Falamos no capítulo anterior sobre a importância da infância, na caracterização dos aspectos da humanização no homem. Muitos autores apregoam que a infância não se daria num dos períodos de existência do homem, se não fosse explicitada pelo ato de *brincar*. Nos parece claro, que toda a criança brinca, e quando isto acontece, ela opera o significado do mundo, e conseqüentemente aprende, e o apreende.

Os jogos e as brincadeiras compõem o cotidiano da criança. Verificamos que quando ela brinca ou joga, seu esquema motor e cognitivo são acionados, suas emoções afloram e sua socialização é mais solicitada; representa ainda simbolicamente, o mundo do adulto, incluindo-o no contexto da sua necessidade de ação. Seria lícito dizer, que a criança que não brinca terá dificuldades de compreender a realidade.

As crianças se envolvem sobremaneira em atividades lúdicas. Pressupor um programa de ensino para elas, que não

considere a reelevância da brincadeira ou do jogo, é tolher dos objetivos educacionais a construção do processo criativo; e sabemos ser nos atos de criação que se vislumbra o que há de verdadeiramente humano no homem(TAFFAREL,1985). Para mim tenho claro que a criança criativa é a criança livre, que brinca utilizando-se de seus recursos de construção e desenvolve conhecimento. Piaget percebendo isto em pesquisas sobre o desenvolvimento da inteligência, verificou que os jogos ou brincadeiras se manifestam na criança de três formas: **os jogos de de exercício, os jogos de símbolos e os jogos de regras**. Os jogos de exercício se estruturam na ação de comportamentos que não alteram suas estruturas, preocupam-se em repetir a ação, pelo simples prazer de repeti-las, não incluem influências de símbolos ou de regras. São divididas em duas categorias: *jogos de exercícios sensório-motores*(até os 18 meses aproximadamente). Estes são subdivididos em "jogos de exercício simples", onde as crianças se limitam a repetir um comportamento, pelo simples prazer de repeti-lo; "combinações sem finalidades", onde além de repetir, os comportamentos, passa a implementar algumas mudanças, e com isto representar o lúdico ligado à ação; "combinações com finalidade", onde a combinação destes jogos já se estruturam, com finalidade preponderantemente lúdica e **jogos de exercícios de pensamentos**, onde a criança descobre o prazer pelo exercício de combinações lúdicas e pensamento com algum tipo de finalidade. *O Jogo simbólico*, se constitui num jogo de exercício, porém estruturado em representações que denotam à criança, uma forma de se lidar com situações não lúdicas, é o momento de experiência sensível da criança que acopla a realidade a um mundo particular,

todo seu. Os jogos de regras, implicam nas relações sociais da criança, constituindo a reunião de todos os jogos já relatados, numa dinâmica em que também se manifeste a competição.

Todo o jogo supõe interação. Mesmo que o jogo na criança seja egocêntrico, centrado em si mesma e na relação com o brinquedo, esta interação proporcionará um processo construtivo de assimilações. O jogo de regras ou jogo social, pressupõe cooperação, entendida aqui na acepção de Piaget como co-operar ou operar juntos; o desenvolvimento cognitivo e afetivo.

Sabemos que a construção consensual das regras, predispõe ao desenvolvimento da autonomia, KAMII(1991) com um estudo baseado na teoria Piagetina; considerou que os jogos de grupo, constituem excelente estratégia de ensino para o desenvolvimento da "descentração", pois à medida que as crianças se encontram em situações no jogo que requeiram "coordenação", elas exercitarão diferentes pontos de vista, numa dinâmica que os aproximará da autonomia.

O Jogo hoje tem fundamental importância num processo de ensino, pois conforme MESQUITA(1986) ocorre uma inter-relação entre o jogar e o aprender. A autora esclarece melhor tal afirmação quando diz que ao jogarmos, jogamos também com nossas possibilidades; e esta possibilidade aliada ao novo, nos leva à percepção e organização dos fatos, no caminho de uma mudança da experiência anterior que nos levará conseqüentemente a adquirir novos conceitos.

Um outro fator, inerente à questão do jogo, é a **competição**. Quando falamos na mesma, quase sempre a impressão que

norteia a discussão, é de que hoje, nos jogos ou brincadeiras, além do esporte, ela tenha tomado uma dimensão "por deveras "patológica" e prejudicial à criança, ocasionando a defesa de uma posição protetora, caracterizada pelo afastamento da mesma de atividades competitivas. Não podemos negar a competição, ela está aí, e sempre foi parte inerente da nossa humanidade; o que devemos ter claro é que o jogo, como qualquer outra manifestação da nossa cultura sempre reproduziu os valores da sociedade. Uma sociedade que vê na extrapolação do capitalismo selvagem, a configuração de sistemas competitivos altamente neurotizantes e determinantes de uma conduta social(questionável!?!). Os jogos ou brincadeiras e o esporte, não criaram a competição, apenas a ritualizaram, como código de expressão da sociedade em que vivemos. Negá-lo ou temê-lo, significa riscá-lo como componente pedagógico no jogo.

A competição como componente do jogo e do esporte, deve ser considerado no bojo de qualquer planejamento de ensino, onde o trato com a relação ganhador e perdedor, caminhe sempre no sentido de incorporar também o ato de perder, e mais ainda, avançarmos no sentido da construção de uma prática esportiva do jogo, de forma desmistificada dos valores competitivos impostos por nossa sociedade; é privilegiar o jogo e o que se tem pra trocar nele, num jogar juntos, onde um coopera com o outro no sentido de que haja um vencedor.

3.2-DO APRENDIZADO DO FUTEBOL.

Quando falamos em aprendizado de futebol, logo nos vem a idéia comumente utilizada dos "fundamentos" a serem

trabalhados, e aqui poderíamos enumerar uma série deles como *chute, passe, manejo de bola, drible...entre outros*. Da minha parte acredito ser essencial o aprendizado dos fundamentos não só do futebol, mas de qualquer esporte que se deseje praticar. A questão maior será entender, que mesmo um fundamento do futebol, apresentado como um componente plástico de movimento idêntico para todo mundo, se manifestará diferentemente em cada pessoa. Isto comprova as possibilidades infinitas do homem expressar-se corporalmente, pois é detentor de uma gama infinita de repertório motor que proporciona a realização de um gesto motor, qualquer que seja, de diferentes maneiras.

No que se refere ao aprendizado do futebol, o que vivenciamos hoje nas escolinhas de futebol, e em aulas Educação Física da escola normal, e a insistência em treinamentos específicos altamente diretivos, que determinam *mecanizações de movimentos*, visando o aumento no índice de acertos e precisão na execução dos movimentos técnicos deste esporte. Investem muito pouco na ludicidade (pressuposto da criatividade), na improvisação e nos jogos adaptativos, talvez por que estas atividades sugeririam *arriscar, tentar, ousar...etc*, e isto aumentaria (e muito!) as possibilidades de erros. Formam-se então robzinhos programados a acertar só de uma maneira e numa determinada situação. Ora!! sabemos que a criança não aprende nada que não vivencie corporeamente de forma lúdica e prazerosa, e sabemos também que o nosso desenvolvimento psicomotor, se estrutura num processo que dura a vida inteira, então por que padronizar? É preciso investir nos movimentos construídos pela criança em cada situação, pois

adestrar a mesma a jogar futebol é fácil e não requer mais do que umas dezenas de dias, agora, utilizar-se deste esporte e toda a sua cultura na formação e educação de um esportista, liberado de alguns padrões, é tarefa árdua e talvez ultrapasse toda uma infância e adolescência.

• O futebol é um fenômeno, que nos permite enxergar o quanto é difícil, pensarmos o corpo de maneira reducionista. O mesmo corpo que chuta, cabeceia, dribla, passa...etc, também é o mesmo corpo que pensa, se expressa e aprende. Dissemos a pouco quando falávamos de cultura corporal, que o corpo é detentor de uma linguagem inteligível, pois, mesmo antes da cultura nortear nossas atitudes, ele já conduzia nossas ações, no sentido de estruturá-las ao real modo de sobrevivência(instinto). Se formos tomar como exemplo, os trabalhos feitos com futebol de alto nível, perceberemos que eles se compõe como um elemento de abolição de qualquer processo criativo. Em vista dos treinos técnicos e automatizantes, o futebol tomou tal vulto no sentido de se situar como um super-esporte de rendimento, em que os treinos físicos, tático-defensivos, os sistemas de jogos e a busca do maior nível de precisão do gesto técnico, que acabaram literalmente com aquilo que sempre foi o orgulho do brasileiro futebolista: a habilidade acima da média, a criatividade, a ginga, o malabarismo...enfim, os frutos de uma época, colhidos com os títulos mundiais, que nos delegaram a fama de melhor futebol do mundo.

Os treinos técnico-diretivos e especializados, não funcionam como base de treinamento para uma melhor produção técnica no jogo. Quando se treina o chute por exemplo, a situação específica do treino e sua imobilidade dinâmica, não permitirão

que ele se desenvolva a contento de uma real situação de jogo, pois, sua atenção estará voltada para aquele ato, não havendo mais nenhum fator que interfira na ação; situação diferente num jogo, em que um número muito grande de fatores interferirão no mesmo: **ex:** a bola poderá não estar parada; poderá haver um tranco do zagueiro; o ângulo da perna na batida da bola, poderá se modificar; o próprio jogador poderá com algum desequilíbrio emocional oriundo da disputa, prejudicar sua performance técnica, enfim, uma infinidade de possibilidades influenciativas que só o jogo proporcionará. Mas voltando á questão do aprendizado de futebol para criança, se o treino técnico e diretivo influencia negativamente o futebol de alto nível, imagina o que não fará para aprendizagem de uma criança. Nos parece claro, que será preciso, criarmos estratégias de ensino do futebol às crianças, que propiciem uma vivência dos fundamentos do mesmo, de forma a que eles se apresentem com máxima expressividade de movimentos, proporcionado, que os gestos técnicos deste esporte nas crianças, fluam de maneira gostosa e estimulativa do desejo de querer construir outros.

I V

A P r o p o s t a

Muitas são as formas de se sistematizar uma proposta de ensino. A ótica, maneira pela qual, se pode evidenciar uma linha condutora de determinada proposta, pode se apresentar na perspectiva individual do elaborador da mesma, onde sua visão de mundo, de homem e de sociedade, influenciarão sobremaneira os objetivos previamente estabelecidos. Em relação a proposta de ensino de Futebol para crianças, oriunda dos estudos explicitados no texto até aqui, evidenciaremos a composição da prática em si, mais especificamente, a construção didática de uma aula e como se dinamiza no processo de ensino-aprendizagem, respectivamente alunos e professor. Para isso, será preciso antes esclarecer que esta proposta de ensino de futebol para crianças, não atende a todas as faixas etárias. Ela se restringirá, como objetivo específico deste estudo, aos garotos na faixa de 6 a 9 anos, primeiro, por que ela compõe a faixa etária trabalhada por mim, no Clube Semanal de Cultura Artística de Campinas a cerca de 3 anos; segundo por que tive a oportunidade de conduzir tal proposta por esse tempo, com possibilidades de aqui relatar uma experiência que pode ser útil para outras realidades, como a escola por exemplo; e terceiro, por que é nesta faixa de idade que se manifestam algumas das principais aquisições, sob ponto de vista das estruturas fundamentais de desenvolvimento da criança, contributivas da construção de aquisições mais elaboradas no futuro.

Vimos até aqui, alguns fatores que julgamos de extrema importância no processo de aprendizagem da criança, não será necessário enumerá-los durante a estruturação da aula, por

que acredito que o leitor, por intermédio da fundamentação teórica já explicitada anteriormente, interpretará os aspectos a luz de uma reflexão própria.

Pois bem, os garotos da faixa de 6 a 9 anos da Escolinha de Futebol do Clube Cultura, são estruturados em dois grupos. A série I, com garotos de 6 e 7 anos; e a série II com garotos de 8 e 9 anos. A aula em ambas as séries, são compostas por cerca de 1 hora e 15 minutos; acontecem à noite das 19:00 às 20:15 Hs(série I) e das 20:15 às 21.30 Hs(série II). No que se refere a estrutura cedida pelo clube, temos um mini-campo gramado, com traves com alturas adaptadas aos garotos desta faixa e materiais diversos como, *Bolas de futebol dente-de-leite, bolinhas de borracha(Nº 5 e 8), cordas elásticas, cones, camisas de times profissionais, bastões de plásticos, corda de sisal...etc.*

Para cada série, a proposta estabelece uma aula dividida em quatro momentos, e são estes momentos que explicitaremos a seguir.

PRIMEIRO MOMENTO:

Composto por cerca de 10 minutos. É caracterizado por um momento livre e dinâmica própria, quando da chegada das crianças. Os materiais, oriundos de planejamento prévio, são colocados no centro do campo e é dado a criança a oportunidade de explorará-los. Na série I, esta fase é importante por que

proporciona à criança a interação com o objeto da aula, sob ponto de vista da relação dos companheiros; lá ocorrem imitações, representações, conflitos de posse e principalmente processos cognitivos e estimulativos da criatividade . Na série II, este momento, restringe-se à utilização da bola, onde dependendo do número delas, eles se organizam no sentido de que todos possam brincar; também é o momento do bate-papo entre eles e o professor sobre o futebol de forma geral.

SEGUNDO MOMENTO:

Estruturado em aproximadamente 20 minutos, se apresenta numa dinâmica dirigida pelo professor, onde através de jogos e brincadeiras, se desenvolvem aspectos referentes a estrutura sócio-afetiva e biológicas, atrelada ou não a aprendizagem do futebol.

Na série I, este momento tentará propiciar as crianças, vivências, por intermédio de atividades lúdicas e recreativas, que promovam suas possibilidades de movimento, como por exemplo, mover-se em relação ao companheirinho, em relação ao espaço, em relação a algum implemento(bola, corda elástica, cones...etc, em relação ao ritmo...etc. O objetivo desta estratégia é proporcionar de maneira informal, uma série de experiências corporais, que contribuam quantitativamente à

estruturação de seu repertório motor(relacionados ou não ao futebol).Podemos citar alguns exemplos de jogos:

Jogos de Pegas

- pega corrente.
- pegas a dois de mãos dadas.
- pegas elefante.
- pegas ajuda.
- pegas simples...etc.

Jogos com cordas

- Passar zerinho.
- Passar Zerinho, com um ou mais companheiros.
- Pular a corda-fantasia(ela pode ser uma cobra, pode dar choque...etc).

Jogos com Bolas

- Jogos de criatividade manipulativa(quem é capaz de...?; alguém tem uma outra idéia?)
- Corridas carregando a bola(do jeito que quiser!)
- passeio pelo clube, conduzindo a bola com os pés, através de obstáculos(escadas, barrancos, sub-níveis...etc

Jogos Cantados

-Pega "atirei o pau no gato"(todos fazem uma roda e giram cantando a música, no "miau" todos correm e o gato que estava dormindo dentro da roda sai pegando todo mundo(os ratos)).

- "Escravos de Jó"(com a bola)

Jogos Sensoriais

- "Telefone sem Fio"(saíndo deitado, sentado, agachado...etc)

- "Dia e Noite"

Jogos de Fantasia

-Caça ao Vampiro dentro do Clube.

-Visita a casa mal assombrada.(galpão de materiais velhos do clube)

Jogos de Aventura

-Caça ao professor.

- "Polícia e Bandido"...etc.

Já na série II, nos valeremos dos Jogos e Brincadeiras, com o intuito de propiciar as crianças, experiências motoras combinadas. Os mesmos, terão como objetivo proporcionar o exercício de movimentos, inter-relacionados a alguns fundamentos de futebol. Exemplos:

Passe

- "Disputas de corridas em duplas"(dois contra dois, disputando corrida e tendo que trocar um número x de passes, numa dada distância)

- "Passa Dez"(Dois Times disputam com uma bola, quem consegue chegar a dez passes primeiro, quando um está de posse da bola, o outro tenta interceptar, se tocar volta a zero pontos)

Chute

- "Pega-Pega com chute"(o pegador só sairá desta função, se conseguir chutar e acertar alguém)

- "Chute ao Alvo"(duas equipes com dois alvos diferentes[pode ser cinco cones para cada uma] guardados a mesma distância dos respectivos alvos para cada equipe. Ganhará a equipe, que com mesmo número de bolas, chutar e conseguir derrubar primeiro, o alvo adversário(cones).

Manejo de Bola

- Criem maneiras diferentes de levantar a bola com os pés... faça-o em movimento...deitado...sentado...agachado, etc.

-Concursos de "casquinha" alternada(poderá ser feito com um toque na bola e um pingo no chão, dois pingos no chão, três... etc.)

Drible

-Dois a dois, à vontade, um driblando o outro. Aquele que receber uma bola no meio das pernas, tem que fazer o mesmo caminho com o corpo no meio das pernas de quem jogou a bola; aquele que conseguir dar um chapéu no outro, terá que ser carregado de cavalinho, por uma distância estabelecida pelo grupo.

-Joguinhos 2 contra 2; 3 contra 3; 4 contra 4, com espaço bem reduzido.

Condução de Bola

-"O craque da rua"(variante de Mamãe da Rua); todos dentro da grande área, cada um com uma bola. No meio do Campo, o "craque da rua" com sua bola. Ao som de comando, todos deverão sair da area grande, correndo, conduzindo a bola com os pés e entrar na outra área. O craque da rua deverá impedir, partindo para cima, também conduzindo a bola,e chutar em cima de um ou mais garotos. Quem ele acertar, deverá ajudá-lo a pegar os outros, na volta da travessia do campo.

-Jogos de estafetas, com ou sem obstáculos, em grupo ou individual, onde cada um tem de se locomover conduzindo a bola.

-"Zerinho" com bola.

TERCEIRO MOMENTO:

Estruturado em aproximadamente 15 minutos. Este momento da aula, pressupõe um exercício com vistas à autonomia grupal. Nela os alunos se dividirão em dois times, numa dinâmica com maior liberdade possível, isto porém, não abdica do professor, o papel de mediador, no que refere à colocação de elementos construtivos da conscientização democrática. Na série I, esta atuação do professor fica mais evidenciada, devido ao estágio em que as crianças se encontram, porém, sempre evidenciando um momento de total liberdade para que eles exercitem a auto-organização. Já na série II, este exercício chega a tomar uma dinâmica própria, de fato a intervenção do professor é mínima nesta fase, salvo as restrições que se pode fazer, em função das queixas de alguns, aos possíveis desequilíbrio dos times.

QUARTO MOMENTO:

Este momento, estruturado em aproximadamente 30

minutos, constitui o jogo de futebol propriamente dito. Este momento, indiscutivelmente, é o melhor exercício de aprendizagem de futebol, pois a criança vivencia o jogo e compreende nas relações divididas em grupo, os elementos estruturais de sua prática. Para que este processo de compreensão do jogo de futebol, se apresente efetivamente, o mesmo não constará de juiz e nem de estabelecimentos de regras previamente determinadas. Elas exercitarão o processo de construção consensual das regras, ora no sentido de conhecê-las(série I), ora no sentido de interpretá-las(série II). O professor terá um papel primordial nesta parte da aula, pois caberá a ele, no caso da série I, utilizar-se das informações já obtidas pelas crianças, no sentido de na hora das ocorrências das descaracterizações do jogo de futebol, parar o jogo e promover com problematizações no grupo, elementos dialogais que levem os meninos à construção do conhecimento de regra; Na série II, sua função, se constituirá mais ou menos da mesma forma. Nesta fase a criança já detém conhecimentos básicos de regras de futebol, porém lida com a dificuldade de interpretá-las a luz das situações práticas do jogo, por exemplo, todos os meninos desta faixa tem claro o que é impedimento; na visão dos mesmos, é o jogador que recebe a bola sozinho a frente do goleiro, não sabem porém, que isto dependerá do momento em que a bola sair do pé do jogador que deu o passe, podendo o passe ser dado no movimento do receptor, que na passagem do seu marcador, receberá na frente, conseqüentemente não estando impedido. O objetivo do jogo sem juiz e sem regras pré-definidas se aplicará na perspectiva do exercício de interpretação das regras. A seguir o quadro demonstrativo da proposta enumerada até aqui.

P R O P O S T A

Aula Estruturada em aproximadamente 1 H 15min.

SÉRIE I(6 a 7 anos)	SÉRIE II(8 a 9 anos)
<u>1º Momento: Dinâmica Livre.</u> Exploração de Materiais de aula:-bolas -arcos -cordas -cones...etc. tempo aproximado: 10 min.	<u>1º Momento: Dinâmica Livre.</u> -Exploração de Materiais da aula. -bate papo a cerca do futebol. tempo aproximado: 10 min.
<u>2º Momento: Dinâmica dirigida pelo Professor.</u> Jogos e Brincadeiras com ou sem material, trabalhando ou não alguns elementos do Futebol. tempo aproximado: 20 min	<u>2º Momento: Dinâmica dirigida pelo professor.</u> Jogos e Brincadeiras, com atividades combinadas com ou sem material, visando o trabalho de alguns fundamentos do futebol. tempo aproximado: 20 min.
<u>3º Momento: Dinâmica Mediada pelo Professor.</u> Exercício de Autonomia, através da escolha do time. tempo aproximado: 15 min.	<u>3º Momento: Dinâmica Própria.</u> Exercício de autonomia, através da escolha do time, com o ideal de equilíbrio. tempo aproximado: 15 min.
<u>4º Momento: Dinâmica própria, porém mediada pelo Professor</u> O Jogo de Futebol - sem juiz - sem regras pré-determinadas (*)Exercício de Construção das regras do jogo. tempo aproximado: 30 min.	<u>4º Momento: Dinâmica própria, eventualmente mediada pelo professor.</u> O Jogo de Futebol - sem juiz - sem regras pré-determinadas (*)Exercício de Interpretação das regras do jogo. tempo aproximado: 30 min.

4.1-RELATO DE EXPERIÊNCIA.

Por cerca de 3 anos, tenho tido oportunidade de desenvolver este trabalho no Clube Semanal de Cultura Artística de Campinas, e como em todo processo de ensino estruturado numa nova proposta de trabalho, é natural que no início se passe por algumas dificuldades, mas como em toda ação de ensinar, a satisfação também compõe o corpo desta experiência. Posso citar como dificuldades a incompreensão de alguns pais que não entendiam como aquelas atividades poderiam proporcionar o aprendizado do futebol para seus filhos além de outras aquisições para o seu desenvolvimento. Tive problemas de ordem estrutural, como ter que impreterivelmente acabar a aula no horário determinado ou mesmo a falta de espaço alternativo de aula para os dias de chuva, e principalmente discussões com alguns professores que atuavam com as mesmas faixas etárias, mas em horários diferentes, sobre a discordância do método de ensino empregado. De maneira geral, apesar de alguns problemas oriundos da condução desta proposta, obtive mais momentos de satisfação do que decepção, principalmente por que o trabalho pautado na ludicidade, me proporcionou uma aproximação maior com os alunos, perfazendo uma relação de amizade que perdura até hoje com os meninos que subiram de faixa etária.

Sob ponto de vista da dinâmica da aula, trabalhar assim é muito mais desgastante do que da maneira diretiva ou tecnicista. É desgastante por que o professor trabalha sempre com o processo interativo das atividades da aula, e este processo tem que se apresentar numa dinâmica de exercício de autonomia, para que as manifestações subsidiadoras da construção do conhecimento

apareçam, e com isto o professor atue de forma qualitativa na elaboração do seu Programa.

No primeiro momento da aula, os materiais ficam a mostra no campo de propósito, para que quando os meninos ali cheguem, os manipulem e interajam com seus companheiros. Neste momento, tudo é permitido, e sua dinâmica as vezes assustavam os pais, principalmente dos menores; primeiro por que na visão dos mesmos aquilo era bagunça; segundo, por que eventualmente alguma criança da série I se machucava, ou em brigas pela disputa do objeto, ou mesmo na sua própria manipulação dos materiais com os amiguinhos. Mas o objetivo se atingia, surgindo uma variedade grande de ações lúdico-criativas, inclusive aliadas ao futebol. Na série II, este momento proporcionava às crianças uma maior interação entre elas, pois a atividade preferida neste momento, se restringia a algumas brincadeiras relacionadas ao futebol; então a cada momento que chegava um novo menino na aula, a brincadeira se re-estruturava de forma que se pudesse absorver o novo elemento. Também é um momento para se conversar sobre o Futebol, falar de seu time do coração, do campeonato interno do clube, da seleçãozinha desta faixa etária do clube, enfim um momento deles criarem uma dinâmica natural e cultural todas suas, no sentido do congraçamento a cerca do ambiente futebolístico.

No segundo momento, as atividades eram dirigidas em conjunto com os alunos. Era assim, por que apesar do planejamento de atividades, muitas outras atividades se originavam das variações solicitadas pelos próprios alunos no decorrer da dinâmica da aula. Os jogos ou brincadeiras adaptados ou não ao

futebol, se constituíam num momento de alegria e descontração onde os meninos brincando, trabalhavam todas as estruturas básicas para o seu desenvolvimento. Este momento era tão importante para a criança da série I, que muitos diziam abertamente, gostarem da aula por que era divertido brincar e se divertir com os amigos. Mas isto também me levou a ter alguns problemas com algumas crianças em relação aos outros momentos da aula; crianças muito novas que não viam no jogo de futebol, ou na dinâmica de escolha do time, maiores elementos instigadores de diversão. Esta talvez seja a maior prova de que a crianças de 5, 6 e 7 anos, devam primeiro se envolver em atividades lúdicas e recreativas de forma geral e não específica de modalidades. Na série II, os meninos participavam bem das atividades de jogos ou brincadeiras, inclusive trazendo idéias de jogos que tinham vivenciado na rua, ou aprendido nas escolas; tinham preferência por determinados jogos e revelavam uma ansiedade muito grande para o início do jogo de futebol propriamente dito.

O terceiro momento se constituía no mais delicado na dinâmica da aula, devido aos conflitos que surgiam. Na série I, fica muito difícil no início do trabalho, que eles consigam se auto-organizar, por que são egocêntricos e na sua maioria não tem noções lógicas de organização. Mas com o passar do tempo, e o desenvolvimento das discussões insufladas pelo professor de algumas noções básicas de organização, pudemos perceber que o principal problema que ocorria com a série I neste momento da aula, era o domínio dos mais velhos sobre os mais novos; eles compunham um grupo dos que melhor jogavam e davam sempre um jeito de jogarem juntos contra os menos hábeis; havia também os meninos

que comandavam e sempre escolhiam o time em detrimento de outros. Isto provocou grandes desequilíbrios e conseqüente desestímulos aos meninos que só perdiam, e nunca vivenciavam a experiência de um gol; nesta hora, a intervenção do professor se faz fundamental no sentido de proporcionar problematizações e mediações de discussões que levem o menino não participante deste processo, a compreender-se no direito de também escolher o time, ou mesmo de jogar com quem quizesse. A medida que o tempo passava, observava-se que as crianças reivindicavam o direito de escolher o time; o passo seguinte foi construir com eles, uma dinâmica que proporcionasse a possibilidades de todos escolherem; chegamos a várias fórmulas dentre elas, a escolha do grupo por dois meninos que dividiriam o time, logo descartado pois alguns reclamavam que eram sempre os mesmos que continuavam escolhendo; um cronograma que a cada aula dois escolheriam, e estes ficariam bom tempo sem escolher; o "pitôco", como forma de sorteio dos dois escolhedores, enfim, uma série de saídas construídas, que de certa maneira fez com que caminhassemos no desenvolvimento da aula. Com este exercício, o outro passo foi desenvolver com eles elementos básicos, quando da escolha do time, dos valores morais referentes à consecução do equilíbrio dos times. Na série I por exemplo, isto foi muito difícil, por que como eles comparam performance, vão sempre querer estar no melhor time, assim o desequilíbrio se constituiria como uma efetividade; mas estes detalhes serviram como elemento básico para o trabalho diferenciado da série II. Nesta série, como explicitamos anteriormente, construímos diversas formas de se democratizar a escolha dos times, a ponto de isto não

se constituir com um problema efetivo. Em relação a moralidade determinante do equilíbrio dos times, eles próprios optavam pela escolha dos dois melhores jogadores para escolher o time, e estes quando da dinâmica da escolha, eram auxiliados pelos escolhidos no sentido de manter um time equivalente tecnicamente ao outro. Isto não garantia sempre o equilíbrio, surgindo algumas queixas do tipo, "...tio, o outro time tá mais forte", ou mesmo "...não dá graça de jogar assim". Minha intervenção partia da paralização do jogo, e a discussão de que se era ou não era importante montar times equilibrados para jogo; em função disto e depois de muita discussão no decorrer do tempo, os meninos chegavam a acertar eles próprios, a troca de jogadores, mesmo que estes não quizessem ser trocados; às vezes iam, às vezes não iam, mas o que importa é que isto surgia sempre e uma deliberação consensual. Um outro exemplo de deliberação consensual contruído pelos garotos, era quando havia um número ímpar de jogadores, neste caso o time que começasse a jogar com um a mais, teria a obrigação de passar algum jogador por outro time no segundo tempo; as vezes o jogador escolhido não queria ir, mas geralmente eles resolviam com algum voluntário ou mesmo através do convencimento do escolhido. Isto talvez acontecesse, por que eles diziam estar perdendo tempo de jogo.

No quarto momento, estruturei o exercício do jogo de futebol com objetivos relacionados ao desenvolvimento das regras do jogo. De maneira geral funcionava da mesma forma, sempre com paralizações do jogo(eles odiavam isto!) além da discussão a cerca da infração ocorrida, ou mesmo de alguma dúvida manifestada no jogo. O fato do jogo não ter juiz e de em nenhum momento do

programa da escolinha, eu ter tocado em regras, a dinâmica do jogo livre conduziu as crianças a uma reflexão lógica, através do vivenciamento do que as regras eram e para que serviam. É preciso considerar que mesmo uma criança de cinco ou seis anos que chega à escolinha pela primeira vez, já detém algum conhecimento de regra de futebol, quer seja por que viu o pai jogar, ou por que o mesmo lhe explicou, ou por que jogou com ele, ou por que viu na televisão...etc. Logo, mesmo para os meninos da série I, quando da dinâmica do jogo, já detém componentes básicos que lhe permitem jogar futebol minimamente regrado; o que geralmente eles confundem é por exemplo a noção de lateral(quando a bola passa pela linha lateral do campo) e a relação deste, com quem tocou e quem tem de repor a bola; a noção de tiro de meta e escanteio(confundindo-os em vista de quem tocou pela linha de fundo). Mas estes conceitos são desenvolvidos à medida que o menino exercita com os companheirinhos, por que um sempre saberá alguma coisa a mais, que no exercício coletivo, compreenderá a passagem destes fundamentos de regra sem precisar que o professor interfira diretamente. O grande problema referente ao desenvolvimento de regra neste momento de Jogo de futebol, acontece no que se refere à infração oriunda do contato físico. Além de verificarmos o desenvolvimento da moralidade no sentido de desenvolver a idéia de que isto é errado, nem sempre a criança entende como errado o choque e o contato físico; apenas em momentos onde a falta é explícita, como um chute direto na canela, ou agarrar pela camisa, ou mesmo por a mão na bola. O importante é o professor não deixar passar nenhuma manifestação de agressividade no futebol com crianças desta idade,

e estar constantemente conversando com o grupo no sentido de construir um conceito de que futebol não se joga com deslealdade, e isto pode contribuir para que eles desenvolvam um futebol limpo e sem pontapés premeditados; embora aconteçam constantemente no jogo dos adultos e inclusive na aula propriamente dita. Na série II, as crianças desenvolvem o gosto pelo jogo bem fluido, as manifestações de falta física são menos evidenciadas, porém existem e são trabalhadas pelo professor da mesma forma que na série I. O objetivo maior, para os meninos de 8 e 9 anos, neste momento da aula é desenvolver com eles as diversas interpretações que se pode ter de uma regra, e isto acontece na dinâmica do jogo e quando ela se manifesta; por exemplo, na saída de bola os meninos se preocupam em dar o primeiro toque para o menino do lado, não entendendo que o toque pode se dado para qualquer menino, desde que ele seja feito para frente. Geralmente como professor, procedo com uma discussão com as crianças sobre o caráter que aquela regra manifesta naquele momento, indagando com variabilidade de questionamentos, que os levem a refletir sobre o por quê da bola ter que ser rolada à frente.

Em relação a um dos objetivos deste trabalho que compõe o aprendizado de futebol, nestes 3 anos de trabalho as crianças geralmente conseguem desenvolver a maioria dos fundamentos, mesmo sem o efetivo trabalho direcionado; chutam com a esquerda e no caso dos canhotos, com a direita; desenvolvem a habilidade do drible, chutam com o peito do pé(a sua maioria) e outras habilidades específicas do jogo de futebol. Para se ter uma idéia de números, também sou técnico da seleção representativa do clube com garotos na faixa de 8 a 9 anos, e dos 20 meninos

convocados no ano de 93, campeões em dois campeonatos interclubes-sociais de Campinas, pelo menos 18 tiveram ou estão tendo passagem pela escolinha.

Estas características colocadas até aqui, sobre os momentos da aula e outras características da proposta deste trabalho, refletem na conduta de vida das crianças, e isto fica evidenciado quando em conversas informais com alguns pais, recebo a informação de que seu filho tem melhorado as suas relações na escola, na rua, em casa...etc, onde verifica-se que ele está mais crítico, mais autosuficiente e extrovertido. Isto com certeza se deva ao fato de na aula, haver a preocupação de se considerar os aspectos formativos da criança, onde a relação do jogar ou brincar, aliada à liberdade com responsabilidade de auto gestão, contribuem para que ela se sinta bem e estabeleça relações importantes para o seu desenvolvimento.

V
Considerações
Finais

O leitor bem atencioso, perceberá que este estudo, pouco falou da escola. E como isto pode ser possível se este curso de especialização é em Educação Motora *na Escola*? O fato de não ter citado muito a escola se deve à preocupação que tive em elaborar um estudo, que desse embasamento para uma prática de ensino em futebol infantil; e como o futebol é um fenômeno sócio-cultural, manifestado em todos os segmentos da sociedade, um estudo centralizado deste esporte na escola ou mesmo num clube, não teria relevância de escolha, uma vez que o objetivo central do mesmo, seria extrapolar o simples aprendizado do futebol, utilizando-se para isso, das relações do mesmo a fim de inseri-los num processo educativo da criança.

Sou professor de Educação Física, e independente da interpretação que se possa dar para o fato de ser também técnico desportivo, minha função maior é ensinar. Não um ensinamento pautado num fim em si mesmo, na relação do conteúdo a ser passado, mas um ensinamento na acepção de MORAIS(1986), ou seja, uma ação de ensino que se entenda como um processo contínuo, desencadeando conflitos e desvelando junto com o educando, o embate da vida. Nesta premissa, uma prática de ensino do futebol calcada nestes referenciais colocados anteriormente, tanto servirá ao clube, no qual vivenciei esta proposta, quanto na escola, uma vez que ela caminhará sempre no sentido de propiciar o desenvolvimento geral dos aspectos formativos da criança.

Compreendemos no decorrer deste estudo como o futebol se manifesta na cultura brasileira, alguns aspectos do desenvolvimento global da criança e como a inter-relação dos dois,

podem proporcionar elementos norteadores de uma proposta de ensino de futebol para crianças. Pois bem, não tenho aqui a pretensão de firmar um ponto final, ou mesmo de fechar questão em relação a proposta de trabalho que no momento julgo ideal. Como disse na introdução deste texto, preocupo-me com a instituição de modelos de ensino repetitivos e adestradores de futebol, existentes em escolas e escolinhas de esporte por aí, mesmo por que, eles se originam de um referencial do adulto, e a criança não é um miniadulto. Sabemos que as técnicas desportivas compõem o referencial da prática esportiva, porém elas não devem castigar as incomensuráveis possibilidades de movimento humano. Quando restringimos os gestos esportivos aos movimentos padronizados e ensinados pelo professor, não estaremos proporcionando novas experiências motoras e nem incentivando sua criatividade e a capacidade de exploração. Isto talvez nos faça perceber, que o ponto de partida para proporcionarmos uma aprendizagem para criança, será partirmos do seu conhecimento formado e a partir daí implementarmos elementos propiciadores de diversas leituras do real, para que ela possa construir a sua.

Durante milhões de anos, os jogos ou brincadeiras vem exercendo sua influência na aprendizagem da criança, e hoje mais do que nunca, é lícito dizer que a criança não aprende nada que não vivencie de forma lúdica e prazerosa. Nós professores de Educação Física, e que lidamos com os componentes da cultura corporal infantil, não devemos fechar os olhos a isto, respeitando suas vontades e implementando uma prática de ensino, que considere estas questões.

Quis com este estudo contribuir, de alguma forma,

ao processo de educação motora da criança de forma geral, como já disse não tenho pretensões de que todos concordem com a proposta de trabalho com ensino de futebol infantil, explicitada neste texto, porém, ela surgiu fruto da necessidade que tive de construir uma prática de ensino que não fosse vazia e descompromissada com o processo de desenvolvimento da criança. Talvez a maior contribuição esteja aí, a percepção de que assim como a criança tem que construir o conhecimento para fazê-lo seu, o professor de Educação Física, terá de construir o embasamento da sua prática para fazê-la sua.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS:

- ARAÚJO, Vania C.. *O JOGO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO PSICOMOTORA*. São Paulo: Cortez, 1992.
- BETTI, Mauro.. *ENSINO DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAU: EDUCAÇÃO FÍSICA PARA QUE?*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Volume 13: Número 2; Janeiro/1992.
- BRUNS, Heloísa T.(org).. *CONVERSANDO SOBRE O CORPO*. 3a Ed. Campinas-SP: Papirus, 1989.
- BYINGTON C.. *A RIQUEZA SIMBÓLICA DO FUTEBOL*. Psicologia Atual, 5(25): 20-32, 1982.
- CASTELLANI FILHO, Lino.. *EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL: A HISTÓRIA QUE NÃO SE CONTA*. Campinas-SP: Papirus, 1988.
- CODO, Wanderlei & SENE, Wilson A.. *O QUE É CORPO(LATRIA)*. São Paulo: Editora Brasiliense S/A. 1985.
- Coletivo de autores.. *METODOLOGIA DO ENSINO DE EDUCAÇÃO FÍSICA*. São Paulo: Cortez, 1992.
- DAMATTA, Roberto et alii.. *UNIVERSO DO FUTEBOL: ESPORTE E SOCIEDADE BRASILEIRA*. Rio de Janeiro: Pinakothkeke, 1982.
- DAOLIO, Jocimar.. *O DRAMA DO FUTEBOL BRASILEIRO: UMA ANÁLISE SÓCIO-ANTROPOLÓGICA*. São Paulo: Revista Paulista de Educação Física, 3(5): 57-61, Jul/Dez 1989.
- .. *EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA ABORDAGEM CULTURAL*. In: PICCOLO, Vilma L.N.(Org.) *EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: SER...OU NÃO TER?*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 1993.

- DURHAM, E.R. *A DINÂMICA CULTURAL NA SOCIEDADE MODERNA*. Ensaio de Opinião, vol 4, 1977.
- FERREIRA, Aurélio B. H. *NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S/A, 1986.
- FRANCO, Laércio C. P. *PLANEJAMENTO DA ESCOLINHA DE FUTEBOL - SÉRIE I e II*. Campinas-SP: Clube Semanal de Cultura Artística, 1991.
- FREIRE, João B. *RUMO AO UNIVERSO...DO CORPO*. In: OLIVEIRA, Vítor M.(Org). *FUNDAMENTOS PEDAGÓGICOS: EDUCAÇÃO FÍSICA 2*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico Ltda, 1986.
- , *EDUCAÇÃO DE CORPO INTEIRO: TEORIA E PRÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA*. São Paulo: Editora Scipione Ltda, 1989.
- , *DA CRIANÇA, DO BRINQUEDO E DO ESPORTE*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Volume 13: Número 2: Janeiro/1992.
- GAÍARSA, José A. *ORGANIZAÇÃO DAS POSIÇÕES E MOVIMENTOS CORPORAIS: FUTEBOL 2001*. São Paulo: Summus, 1984.
- GALLAHUE, David L. *PERFORMANCE E HABILIDADES MOTORAS EM CRIANÇAS DE IDADE ESCOLAR*. Curso Ministrado na Faculdade de Educação Física-FMU em São Paulo-SP de 19 a 22 de abril de 1991.
- GALLARDO, Jorge S. P. *A PERSPECTIVA DA ÁREA DE EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE O ATENDIMENTO PRE-ESCOLAR NAS QUATRO PRIMEIRAS SÉRIES DO 1º GRAU*. Texto Datilografado do Curso de Especialização em Educação Motora na Escola da Faculdade de Educação Física/Unicamp, 1993.
- GUISELINI, Mauro A. *MATROGINÁSTICA: GINÁSTICA PARA PAIS E FILHOS*. São Paulo: CLR Balieiro, 1985.

- JESUS, Adilson N. *VIVÊNCIAS CORPORAIS: PROPOSTA DE TRABALHO DE AUTO-CONHECIMENTO*. Dissertação de Mestrado da Faculdade Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, 1992.
- KAMII, Constance & DEVRIES, Retha. *JOGOS EM GRUPO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPLICAÇÕES DA TEORIA DE PIAGET*; Tradução Marina Célia Dias Castanheira; Prefácio Jean Piaget. São Paulo: Trajetória Cultural, 1991.
- LE BOUCH, Jean. *O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR*. Porto Alegre. Artes Médicas. 1982
- LEONTIEV, A. *O HOMEM E A CULTURA*. In: ADAM, Y. et col. *DESPORTO E DESENVOLVIMENTO HUMANO*. Lisboa: Seara Nova, 1977.
- LIPSITT, Lewis P. & REESE, Hayne W. *PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980
- MARIE DOLLE, Jean. *PARA COMPREENDER JEAN PIAGET: UMA INICIAÇÃO A PSICOLOGIA GENÉTICA PIAGETIANA*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
- MAUSS, Marcel. *SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA*. São Paulo: E.P.U-Editora Pedagógica e Universitária Ltda. 1974. v2.
- MELLO, Alexandre M. *PSICOMOTRICIDADE, EDUCAÇÃO FÍSICA E JOGOS INFANTIS*. São Paulo: Ibrasa, 1989.
- MESQUITA, Rachel *O JOGO DA APRENDIZAGEM*. Revista Sprint. Rio de Janeiro: 5(3); 127; jul/set; 1986.
- MIRANDA, Nicanor. *200 JOGOS INFANTIS*. Belo Horizonte-MG: Itatiaia, 1984, 9ª ed.

- MIZUKAMI, Maria G. N. *ENSINO: AS ABORDAGENS DO PROCESSO*. São Paulo. E.P.U- Editora Pedagógica e Universitária Ltda. 1986. p80
- MORAIS, Regis de. *O QUE É ENSINAR*. São Paulo: E.P.U-Editores Pedagógica e Universitária Ltda. 1986.
- OLIVEIRA, Aylton Q. *CORPOREIDADE E DEFICIÊNCIA: ASPECTOS DE UMA PRÁTICA*. Monografia apresentada no curso de Especialização em Educação Física Adaptada da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. 1992.
- PEREIRA, Flávio M. *DIALÉTICA DA CULTURA FÍSICA: INTRODUÇÃO À CRÍTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, DO ESPORTE E DA RECREAÇÃO*. São Paulo: Ícone Editora Ltda, 1988.
- PIAGET, Jean. *O JULGAMENTO MORAL DA CRIANÇA*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- RAMOS, Roberto. *FUTEBOL: IDEOLOGIA DO PODER*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1984.
- RODRIGUES, Jose C. *O CORPO LIBERADO* In: STROZENBERG, I(org.). *DE CORPO E ALMA*. Rio de Janeiro: Comunicação Contemporânea, 1986/87.
- SEVERINO, Antonio A. *METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO: DIRETRIZES PARA O TRABALHO DIDÁTICO-CIENTÍFICO NA UNIVERSIDADE*. São Paulo: Cortez & Moraes Ltda, 1975, 2ª ed.
- SILVA, Marcelo J. B. *O GESTO JUSTO NO JOGO OU O JOGO DE AJUSTAR O GESTO*. São Paulo: Edição Escola da Vida, 1990.
- TAFFAREL, Celi N. Z. *CRIATIVIDADE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico S/A. 1985

TANI, Go et alii. *EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: FUNDAMENTOS DE UMA ABORDAGEM DESENVOLVIMENTISTA*. São Paulo: E.P.U-Editora Pedagógica e Universitária Ltda, 1988.

WITTER, José S. *O QUE É FUTEBOL*. São Paulo: Editora Brasiliense S/A, 1990.